

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

Cristiane Moreira da Silva

**Intimidade *on line*: outras faces do diário
íntimo na contemporaneidade**

Niterói
2006

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

S586 Silva, Cristiane Moreira da.

Intimidade *on line*: outras faces do diário íntimo na contemporaneidade / Cristiane Moreira da Silva. – 2006.

83 f.

Orientador: Márcia Moraes.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Departamento de Psicologia, 2006.

Bibliografia: f. 74-78.

1. Intimidade (Psicologia). 2. Subjetividade. 3. Tecnologias -

Cristiane Moreira da Silva

Intimidade *on line*: outras faces do diário íntimo na contemporaneidade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, na área de concentração Subjetividade e Clínica sob a orientação da Prof. Márcia Moraes

Niterói
2006

Cristiane Moreira da Silva

Intimidade *on line*: outras faces do diário íntimo na contemporaneidade

Aprovada em 28 de junho de 2006

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Márcia Moraes - Orientadora
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Auterives Maciel
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dra. Fernanda Bruno
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Agradecimentos

O agradecimento sincero com carinho e admiração a Márcia Moraes, minha orientadora e incentivadora por toda atenção, disponibilidade, compreensão e paciência durante esta trajetória.

Ao Prof. Aterives Maciel, que esteve presente desde o início do Mestrado com críticas e sugestões, algumas vezes desconcertantes, mas fundamentais para que esta dissertação tenha chegado ao formato atual.

A Prof. Fernanda Bruno, que compôs as bancas de qualificação e defesa da dissertação trazendo contribuições que mudaram o rumo do trabalho.

A Fernandinha e Isabela, que me apresentaram o mundo dos blogs e me assessoraram nesta viagem.

A família, que soube compreender pacientemente a falta de tempo e as oscilações de humor, que apoiaram e acreditaram neste percurso.

Aos Profs. Carlos Eduardo Veiga e Cíntia Scelza, que participaram da escolha pela carreira acadêmica, estando presentes durante a graduação em Psicologia e em momentos preciosos durante o Mestrado.

Aos queridos amigos da turma de Mestrado, que curiosos com a novidade e interessados no trabalho contribuíram de todas as formas: com idéias, textos, sugestões, momentos de descontração e apoio indescritíveis. Esse trabalho tem um pedaço de cada um de vocês.

Resumo

Esta dissertação tem como objetivo pensar as subjetividades que estão surgindo na relação com as tecnologias de informação neste caso em especial o diário virtual. Apostando numa perspectiva de subjetividade em constante processo de construção no qual diversos fatores se cruzam, considerando que na sociedade contemporânea, as relações com a tecnologia merecem atenção especial. A pesquisa de campo contou com 10 sujeitos entrevistados pessoalmente ou por um programa de mensagens instantâneas na Internet tendo como roteiro um questionário semi-estruturado buscando informações sobre o espaço dedicado ao diário virtual e como o autor lida com a exposição da intimidade. Os resultados apontam para uma lógica de visibilidade na qual a identidade é construída a partir do olhar do outro, para a exposição da vida íntima como forma de obter atenção, desabafar e buscar referências na observação da intimidade alheia. Parece que o diário virtual está tentando suprir a falta de tempo para as conversas pessoais e permitindo outras maneiras de estabelecer relações de amizade. Novas formas de intimidade estão surgindo e para pensá-las é fundamental uma análise das tecnologias de informação e das características da sociedade contemporânea.

Abstract

This dissertation has as its objective the examination of subjective aspects that are arising out of the relationships with information technology, in this particular case the virtual diary. Assuming that the subjective perspective is in a constant process of construction where diverse factors cross, we consider that in contemporary society, the relationships of technology merit special attention. The field research utilized 10 subjects who were interviewed using an instant message program on the internet. The interviews employed semi-structured interviews which sought information about space dedicated to the virtual diary and were read by the author with exposition of privacy. The results pointed to logic of visibility in which the identity is constructed from looking at the other, so that the exposition of the intimate life permits obtaining attention, speaking freely, and searching for references in the intimacy of the other. It appears the virtual diary is trying to overcome the lack of time for personal conversations and permit other ways to establish friendly relations. New forms of intimacy are arising and to conceptualize them it is fundamental to analyze the information technology and the characteristics of the contemporary society.

Sumário

| | |
|--|-----------|
| Tema | 1 |
| I – Produção de Subjetividade e Tecnologia | 10 |
| I.1 – A Relação Homem/Técnica | 13 |
| I.2 – As Tecnologias da Inteligência | 22 |
| I.3 – A Rede Mundial de Computadores e o Ciberespaço | 26 |
| II – A Intimidade Pós-Moderna: interconexão, consumo e visibilidade | 31 |
| II.1 – O Consumo de Identidades | 37 |
| II.2 – O “Eu” Tornado Público | 39 |
| III – Diário Íntimo na Internet: O <i>blog</i> e o <i>flog</i> | 46 |
| III.1 – O que é um <i>blog</i> segundo seus autores | 53 |
| III.2 – A Exposição da Intimidade | 61 |
| III.3 – A Construção da Identidade | 64 |
| III.4 – Os Comentários | 67 |
| IV – Considerações Finais | 70 |
| V – Referências Bibliográficas | 74 |
| VI – Anexos | 79 |
| VI.1 – Roteiro da Entrevista | 79 |
| VI.2 – Glossário | 82 |

Introdução

Vivemos um momento de profundas mudanças nas maneiras de nos percebermos, de percebermos o outro e o mundo. Podemos nos intitular protagonistas de uma revolução, a revolução digital, que, como qualquer outra, traz conseqüências não só sociais, culturais e econômicas, mas também subjetivas. Os avanços tecnológicos alcançados com esta revolução trouxeram alterações significativas no que tange à informação. Permitiram o que chamamos de “mundo globalizado” por proporcionar o acesso rápido a informações vindas de todo lugar. Esse “mundo global”, da cultura das massas, da pouca diferenciação, parece despertar a procura por um modo particular de atender a uma antiga necessidade: a de definirmos e mostrarmos quem somos. Encontramo-nos envolvidos no culto ao eu, na busca desenfreada por uma identidade, que podemos chamar romântica pelo excesso de idealização.

A preocupação em encontrar a individualidade parece representar o culto ao individualismo. Os ideais coletivos são substituídos pela valorização do eu, de quem sou, do que eu quero. Não importa o que é feito, e sim quem fez. Autores como Sennet (2001) identificam essa cultura como a cultura do narcisismo.

“O desejo de revelar a própria personalidade no trato social e de avaliar a ação social em termos daquilo que esta mostra das personalidades das outras pessoas, é, primeiramente, um desejo de se autenticar enquanto ator social por meio de suas qualidades pessoais.”¹

Nessa perspectiva é despertado o interesse sobre quem é o outro fazendo com que o sistema se retroalimente. Tal fato fica evidente no sucesso de revistas que abordam a vida dos

¹ SENNET, 2001, P. 25

famosos e nos *reallity shows*², programas de televisão que exibem pessoas, até então não famosas, expondo “quem são”.

Se partirmos do pressuposto de que a sociedade contemporânea segue uma lógica de consumo, “a admiração pública é também algo a ser consumido, e o status, como diríamos hoje, satisfaz uma necessidade como o alimento satisfaz outra: a admiração pública é consumida pela vaidade individual da mesma forma que o alimento é consumido pela fome.”³ Nesse ponto encontramos uma dificuldade na delimitação entre o que é público e o que deve ser do domínio privado.

Na hipótese de Sennet (2001):

“As sociedades ocidentais estão mudando a partir de algo semelhante a um estado voltado para o outro para um tipo voltado para a interioridade – com a ressalva de que, em meio à preocupação consigo mesmo, ninguém pode dizer o que há dentro. Como resultado originou-se uma confusão entre vida pública e vida íntima: as pessoas tratam em temas de sentimentos pessoais os assuntos públicos, que somente poderiam ser adequadamente tratados por meio de códigos de significação impessoal.”⁴

A difusão e a vulgarização da “busca da personalidade” faz com que experimentemos uma certa ansiedade a respeito do sentimento individual. Estamos numa constante luta para alcançarmos o conhecimento de nós mesmos. Os comportamentos impessoais não despertam o interesse do público. O que importa hoje não é a ação de alguém ou o acontecimento em si, o interesse está em quem agiu e quais foram as suas motivações, tal fato é corroborado pelo advento de teorias psicológicas difundindo a idéia de valorização do autoconhecimento⁵.

² Todas as palavras encontradas em inglês ou específicas do vocabulário da informática serão apresentadas em itálico e se encontram listadas no glossário no anexo VI.3.

³ ARENDT, 2001, P.66

⁴ SENET, 2001 P. 18

⁵ Aqui se enquadra a Psicanálise com uma proposta de voltar a atenção para os processos internos.

Vemos pessoas preocupadas apenas com as histórias de suas próprias vidas e com suas emoções particulares.

A questão do que estou sentindo tornou-se uma obsessão; a exibição para os outros dos obstáculos e dos impulsos dos próprios sentimentos é uma maneira de demonstrar que se tem um eu que vale a pena. O diário virtual parece ser um dos dispositivos que torna possível a divulgação da vida íntima para o maior número de pessoas possível de maneira simples e rápida.

Estas páginas *web* permitem tornar visível a privacidade. O autor expõe sua intimidade e tem um público para suas confissões. “Certamente, podemos falar de espetacularização da intimidade, mas não por vermos aí uma forma degradada e menos autêntica da intimidade, mas por esta se constituir numa curiosa proximidade com o espectador”⁶. Há uma lógica que impõe a visibilidade e, como nem todos possuem acesso aos veículos de comunicação em massa como a televisão ou revistas, outras formas de aparecer estão sendo exploradas. Devemos considerar que estas ferramentas permitem outros usos como a divulgação de trabalhos, pensamentos e informações em geral. Mas, o que encontramos em grande maioria na internet são os *blogs* e os *flogs* apresentados como diários íntimos. Certamente tal fato diz respeito à configuração social da atualidade.

O blog, abreviatura de *weblog* é um tipo de página *web* atualizada freqüentemente, composta por parágrafos apresentados em ordem cronológica. Existem *blogs* com uma infinidade de conteúdos como, notícias, debates profissionais, fotografias, entre outros. Pode ser particular, quando somente o autor escreve no *blog*, ou comunitário onde outras pessoas autorizadas pelo criador podem escrever. Um *blog* pode ser acessado por qualquer pessoa. Geralmente contém *links* que levam à outros *blogs* do gosto do autor. Há um espaço onde os visitantes podem deixar comentários sobre o *blog* para o autor e um contador do número de

⁶ BRUNO, s/ data disponibilizado na internet.

visitantes. Para criar um *blog* não é necessário grande conhecimento de informática, nem *software* específico. Há *sites* na internet que oferecem ferramentas gratuitamente para este serviço. A maioria dos usuários de informática é capaz de fazê-lo.

O *flog*, abreviatura de *fotolog*, é uma página *web* com o mesmo princípio do *blog* sendo suas principais diferenças a necessidade de colocar imagens em todos os *posts* e a impossibilidade de mudar o visual da página, o que não exclui as outras funções também encontradas no *blog*.

O *blog* tem seu visual constantemente modificado, há uma preocupação com a estética do *blog*: aparecem personagens, estrelinhas, corações entre outras ilustrações que têm as funções de mostrar figuras com as quais o autor se identifica, expressar algum sentimento ou simplesmente decorar.

O *flog* não permite alterações no visual. O criador *post*a uma foto ou desenho por dia, que não necessariamente é do dia corrente, escreve sobre a imagem, as pessoas que estão nela e também sobre o que aconteceu no dia e como está se sentindo. Assim como no *blog* escreve letras de música, textos e poesias.

Os *blogs* e *flogs* com formato de diários são páginas onde cada autor vai revelar seu cotidiano, pensamentos, sentimentos, decepções e alegrias, ou seja, tudo o que geralmente é classificado como íntimo. Esse formato tem o mesmo propósito dos antigos diários (mais tarde substituídos pelas agendas) mais com uma gritante diferença: os diários e agendas eram guardados a “sete chaves” e os *blogs* e *flogs* são publicados na *Internet*, permitindo o acesso à seu conteúdo por quem se interessar. Há um espaço para comentários dos visitantes e o número destes é bastante valorizado.

Fotolog da Fabi ...~Outono~:..

About bihdodih

bihdodih's recent photos



05/28/05 »



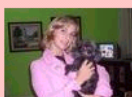
05/27/05



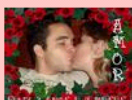
05/25/05



05/24/05



05/23/05

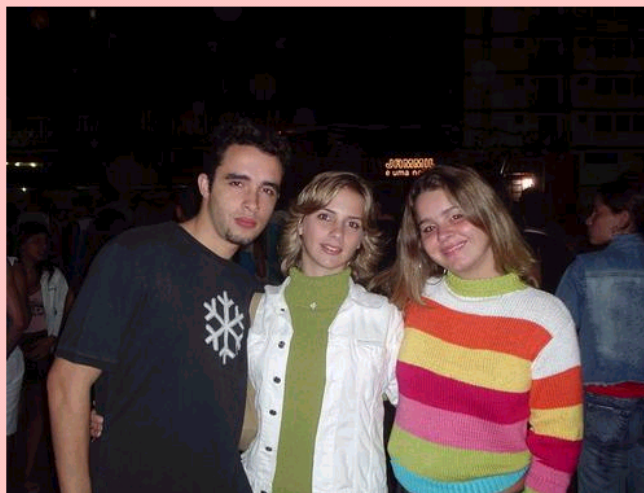


05/22/05

[more](#)

[<< previous](#)

[Email this photo](#) | [Sponsor this Fotolog](#)



05/28/05

Camera: Digital: Olympus
Camedia D-390

Diego, eu e Camila, ontem, dia 27/05/2005, sexta-feira, no show do Jammil e uma noites, aki em Cabo Frio. Caraca, muito bom o show ! Pelo menos pra mim ! Camila e Jair ficaram discutindo o show inteiro e Diego odeia axé ! Eu fiquei pulando, dançando e cantando TODAS as músicas ! Sabia todas ! Muito bom , muito bom ! Amo muito axé ! Pena q eu tava de saldo alto, calça comprida, blusa de gola e casaco ! Mas foi pq no dia anterior eu senti muuuuuuuuito frio, aí ontem fui toda agasalhada aí fiquei cheia de calor, e de salto num dava pra dançar muito, mas mesmo assim eu pulei pra caramba ! Só teria sido melhor o show se eu tivesse de tenis, short e camiseta ! hauhauhauhauhauh Adorei q meu namorado mesmo odiando axé, foi , pra me fazer companhia :) mto lindo , né ?! Mas o show começou as 23:30h e as 01:30 nós fomos embora, pq tb naum ia abusar dele e fazê-lo ficar ouvindo axé até de madrugada ! tadinho ! Adorei ! mto bom !
Bjs
Fabi

Guestbook

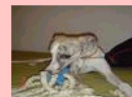
licazinha @ 2005-05-28 16:29 said:

Vc foi embora 1:30 e o show acabou 1:40, nao se preocupe!!! Po, p mim a única parte ruim era a lama q tava o chão! Mas eu, inteligente como sempre, fui de sandalinha e camiseta! Foi só tirar o casaco q tv td certo! =p Amanhã eu te ligo p ver se a gente ainda faz alguma coisa.. Bjokas =***

bihdodih's Friends/Favorites



by [eye](#) 05/30/05
eye can C ya, [Neutral Zone](#)



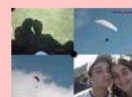
by [fotodogs](#) 05/30/05
Dogsville, [Neutral Zone](#)



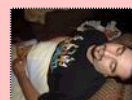
by [manteqz](#) 05/30/05
ME PEGA ABUSA E, [USA](#)



by [licazinha](#) 05/29/05
Niteroi, [Brazil](#)



by [nandaicebox](#) 05/29/05
Eu nasci em, [Iceland](#)



by [fanfarras_rj](#) 05/28/05
Rio de Janeiro, [Brazil](#)

[more](#)

bihdodih's Links

[Nanda Pires](#)

Com esse tipo de página *web* funcionando como um mecanismo de visibilidade, o adolescente se coloca no público, se expõe atendendo as expectativas desse público e, ao mesmo tempo, se protege, pois o que será revelado passa pelo seu crivo e também pelo distanciamento físico causado pelo contato via computador.

Nesse projeto o sujeito é entendido não como entidade pronta, mas como em constante processo de construção de si no qual diferentes esferas da vida se entrecruzam. Nesta abordagem, devemos considerar o papel do desenvolvimento tecnológico, principalmente com relação aos meios de distribuição da informação, na situação descrita.

O seguinte questionamento se estabelece: em meio a tanta exposição de vidas particulares como pensar a intimidade?

Em ambiente informal, num contato direto com jovens autores de *blogs* e *flogs*, tive a oportunidade de escutar comentários sobre a importância destes *sites*. Tal fato pode ser constatado pela sua atualização diária e pela preocupação com a estética apresentada. Este contato me levou a pensar o quanto estes modelos de identidades virtuais atuam na produção de subjetividade no contemporâneo.

O que motivou esta pesquisa foi pensar como uma prática antiga (escrever sentimentos e pensamentos) considerada extremamente íntima, de domínio privado, apresenta-se na contemporaneidade como sendo de domínio público. Por que escrever sua intimidade para quem quiser ler e, o que me chamou mais atenção, para quê abrir um espaço para que outros comentem o que está escrito? Por que a interferência de outros na vida íntima tornou-se tão importante?

O presente trabalho partirá de um estudo da sociedade contemporânea para mapear algumas questões que levam à produção dessas *home pages*. O fenômeno diário virtual é tratado como um recorte de uma sociedade que supervaloriza a vida íntima, mas, que em contrapartida cobra sua exposição ao público fazendo com que a identidade seja construída baseada no olhar do outro.

O *blog* e o *flog* são entendidos como um recorte de um fenômeno que certamente se manifesta em outras esferas da vida do sujeito. Mas me parece um bom ponto de partida para

o estudo das transformações na noção de intimidade e exposição pessoal vividas na atualidade.

Estamos diante de uma sociedade de mudanças constantes, de avanços tecnológicos nunca pensados tão rapidamente, onde tudo deve ser instantâneo e consumível. Esta configuração exige repensar as maneiras de conceber o indivíduo, o relacionamento interpessoal e os valores vigentes. Novas formas de se comunicar, relacionar e conhecer estão sendo vividas e, conseqüentemente, novas subjetividades estão sendo produzidas. Minha proposta é partir de um fenômeno da atualidade para buscar a compreensão dessas novas subjetividades.

Com relação à pesquisa de campo, foram selecionados aleatoriamente, 10 páginas entre *blogs* e *flogs* que foram acessados freqüentemente durante todo desenvolvimento do trabalho para o acompanhamento de suas atualizações e levantamento do perfil do autor. O grupo de sujeitos selecionado é composto por dez adolescentes, autores de blogs e/ou flogs com formato de diário íntimo.

A escolha por estudantes da rede de ensino privada foi devido ao fato destes terem maior acesso às novas tecnologias e, principalmente, à informática. A faixa etária foi estabelecida pela identificação desta fase como sendo um período do desenvolvimento onde os conflitos afloram e a busca por relacionamento interpessoal é acentuada. É, principalmente, na adolescência que buscamos definir quem e o que somos e o olhar do outro tem papel fundamental neste processo⁷. Na escolha da idade dos sujeitos desta pesquisa consideramos ainda os dados divulgados pela revista *Veja Especial Jovens* em Junho de 2004 que constata que os jovens entre 13 e 19 anos representavam no mundo 51,5% dos 10 milhões de autores de *blogs* no ar. Assim, acredito que este seja o melhor período para buscar o entendimento deste veículo de interação.

⁷ Essa concepção é encontrada na literatura clássica sobre Psicologia do Desenvolvimento. Apesar de não ser utilizada como referência neste trabalho não devemos descartar sua contribuição. Sobre o tema ver ERIKSON, Erick. *Identidade Juventude e Crise*. Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1972.

Utilizei o acesso à Rede como principal fonte de coleta de dados através dos seguintes tipos de sites: *blog*, *flog* e *Orkut*. Para complementar os dados e servir como meio de comparação, foram realizadas entrevistas com autores de *blog* e/ou *flog* tendo como base um questionário semi-estruturado onde são buscadas informações sobre o perfil do sujeito, o significado de sua página e como este lida com as questões relativas à intimidade e sua exposição. O roteiro da entrevista consta de identificação do sujeito e perguntas que possam obter informações sobre o espaço que o *blog* ou *flog* ocupa na sua vida e como este lida com questões relacionadas ao limite entre o público e o privado⁸.

Inclui nesta pesquisa o *Orkut* como fonte de dados por conter uma série de comunidades de “blogueiros” nas quais encontrei discussões que podem contribuir para esta pesquisa.

O *Orkut* é um *site* que abriga uma série de comunidades formadas por pessoas de qualquer lugar do mundo que se escolhem por interesses comuns. As comunidades dividem-se em diversos assuntos: o que gostam, o que não gostam, atividades comuns, alunos de uma instituição, profissionais entre outros. Cada comunidade é gerenciada por seu criador e, apesar da maioria permitir o livre acesso de qualquer associado do *Orkut*, algumas tem pré-requisitos e dependem da aprovação do criador. Dentro da comunidade os membros trocam mensagens e abrem tópicos para discutir. Cada comunidade tem suas próprias regras que são estipuladas por seus membros e podem ser modificadas desde que todos estejam de acordo.

⁸ O Roteiro encontra-se no anexo VI .1.

Home | Amigos | Mensagens | Comunidades | Pesquisar | Mídia | O que há de novo | Ajuda | Sair

orkut mostrar ajuda



Puxum Fernandes

Isabela > Puxum

218 fãs
1345 recados
12 fotos

quem sou eu: **ATENÇÃO**: Quando for me pedir autorização, deixa um scrap se identificando, por favor!

Acho que pra me conhecer melhor só pelo orkut, basta dar uma olhada nas minhas comunidades e nos meus testimonials.
Neles, vc vai ver o que eu gosto e o que eu não gosto!

Tinha escrito um "about me" imenso, mas não coube, só tinha espaço pra um pedaço.. Então, para não ficar faltando um pedaço, resolvi apagar tudo! ;p

Muita gente me pergunta se conheço todos da minha lista do orkut.. Acho que só umas 35 pessoas eu não conheço..

Comunidade que o Fefeu fez pra mim, quem quiser entrar:
<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=1448964>

Partiu!

relacionamento: solteiro(a)

aniversário: 02 de maio

idade: 22

interesses no orkut: amigos, contatos profissionais

filhos: não

religião: Cristão/católico

humor: extrovertido/extravagante, simpático

orientação sexual: heterossexual

estilo: contemporâneo

fumo: não

bebo: eventualmente

animais de estimação: gosto de animais de estimação

moro: com meus pais, baladeiro de plantão

cidade natal: Petrópolis

interesses:

esportes: Não, obrigado!

atividades: Zueira de Segunda a Segunda, qnd a grana dá neH?! :P .. Se não, só fds msm :)

programas de tv: Pânico na TV, e.. Adoro propagandas.

cinema: O Mistério da Libélula

cozinhas: a da mamãe e da vovó mesmo :P

contato:

e-mail: puxum@hotmail.com

país: Brasil

MI: 86362060, ICQ

MI: puxum@hotmail.com, MSN

telefone celular: 99144909

amigos dele (724)

ver rede << >> ver amigos

comunidades dele (804)

>> ver todos

Depoimentos (O que os amigos dizem sobre Puxum)



~ **Luana:** O Puxum é meu companheiro preferido; é meu letrista preferido; ele entende as coisas que eu falo como ninguém; (músicas e tal..)

ele me chama pra comer pizza e briga qndo eu não vou;

ele paga cerveja, vinho, salsichão e cigarro pra mim;

ele me deixa sózinha na exposição e vai pro zapata;

ele tem credencial da exposição;

ele liga aqui pra casa e dá susto quando diz 'E o Rafael!'

ele desenrola com caras de estacionamento;

ele é ele.

e só Deus sabe o qnto eu gosto desse mlk!

Xum, amo vc, tanto ;*****

10/5/2005

Para ser um associado do *Orkut* é necessário receber um convite por e-mail de outro associado. Ao acessar o *Orkut* pela primeira vez, o usuário preenche um cadastro com seus dados pessoais, gostos e informações profissionais, sendo opcional responder todas as perguntas. Cada associado tem uma página com seu perfil e foto, onde ficam expostas as comunidades da qual faz parte e seus amigos que também estão no *Orkut*. Cada amigo ou comunidade constitui um *link* que leva para sua página. No perfil do associado há um espaço para que as pessoas escrevam o que pensam sobre ele e deixem mensagens. Neste site as mensagens ficam armazenadas, não há comunicação em tempo real.

CAPÍTULO I - PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE E TECNOLOGIA

Não existe sujeito ou subjetividade fora da história e da linguagem, fora da cultura e das relações de poder. Sobra alguma coisa?

Tomaz Tadeu da Silva

Se partirmos do entendimento do sujeito não como portador de uma essência ou como coisa pronta, mas como em constante processo de construção no qual diversos vetores estão atuando, o estudo da técnica e da sua relação com o humano, se faz fundamental para a compreensão do contemporâneo.

“Por subjetividade entendemos não um estado de coisa ou estrutura, mas um processo - um processo de subjetivação ou um processo de construção de si”⁹. A subjetividade é produzida por instâncias individuais, coletivas e institucionais, há uma heterogeneidade dos componentes onde vários vetores devem ser considerados: o ambiente familiar, a mídia, a violência urbana, as artes, os grupos dos quais participa, as experiências vividas entre tantos outros fatores que dizem respeito à ordem de um coletivo. Aqui, a subjetividade é pensada como produção na qual o sujeito aparece como um produto do coletivo, como multiplicidade onde não existem instâncias dominantes. “Com efeito, o termo ‘coletivo’ deve ser entendido aqui no sentido de uma multiplicidade que se desenvolve para além do indivíduo, junto ao

⁹ PASSOS, 2000. P.8.

socius, assim como aquém da pessoa, junto à intensidades pré-verbais, derivando de uma lógica dos afetos mais do que de uma lógica de conjuntos bem circunscritos”¹⁰.

Para Guattari (1992), a subjetividade contemporânea é caracterizada por um apego arcaico às tradições culturais paralelo à modernidade tecnológica e científica.

Do mesmo modo que as máquinas sociais podem ser classificadas na rubrica geral de equipamentos Coletivos, as máquinas tecnológicas de informação e de comunicação operam no núcleo da subjetividade humana, não apenas no seio das suas memórias, da sua inteligência, mas também da sua sensibilidade, dos seus afetos, dos seus fantasmas inconscientes¹¹.

O que o autor propõe é o descentramento da noção de sujeito para a de subjetividade. A máquina é concebida em oposição à estrutura – modelo difundido pela psicanálise - implicando numa relação de emergência, de agenciamentos, de possibilidades criadoras.

“O sujeito, segundo toda uma tradição da filosofia e das ciências humanas é algo que encontramos como um ‘*être-là*’, algo do domínio de uma suposta natureza humana. Proponho ao contrário, a idéia de uma subjetividade de natureza industrial, maquínica, ou seja, essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida”¹². A produção de subjetividade capitalística está numa conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo. “A produção de subjetividade constitui matéria-prima de toda e qualquer produção”¹³.

Guattari (1999), substitui a noção de sujeito proposta por Lacan pelo que ele chama de agenciamento coletivo de enunciação. O autor afirma que a subjetividade é produzida por

¹⁰ GUATTARI, 1992. P.20.

¹¹ *ibid.* P.12

¹² GUATTARI, 1999. P.25.

¹³ *ibid.* P.28.

agenciamentos de enunciação que não correspondem nem a uma entidade individuada, nem a uma entidade social predeterminada. Diferencia os conceitos de indivíduo e de subjetividade afirmando que os indivíduos são o resultado de uma produção em massa sendo serializados, registrados, modelados; e a subjetividade como não sendo passível de totalização ou centralização no indivíduo.

A subjetividade está em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos: ela é essencialmente social, e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares. O modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização¹⁴.

O sistema capitalístico funciona no controle da subjetividade através da cultura de equivalência, sendo a cultura de massa um elemento fundamental nessa produção de subjetividade. A cultura de massas produz indivíduos normalizados, articulados hierarquicamente e submetidos á sistemas de valores e submissão implícitos, dissimulados. O que há é uma produção de subjetividade inconsciente, que pode ser encontrada em todos os níveis da produção e do consumo com a função de manter a hegemonia.

Guattari (1999) afirma que dentro desse sistema é possível desenvolver modos de subjetivação singulares denominados processos de singularização onde todos os modos de codificação e controle pré-estabelecidos são recusados para construir outras formas de viver na qual através da criação uma subjetividade singular é produzida.

¹⁴ ibid. P.33.

A produção de subjetividade com interferência das tecnologias não deve ser encarada nem como boa, nem como ruim. O que irá determinar as conseqüências será sua articulação com os agenciamentos coletivos de enunciação. As transformações tecnológicas podem nos conduzir à dois caminhos divergentes: (1) fortalecimento da tendência homogeneizante da sociedade globalizada e (2) um espaço para heterogeneidade e singularização através da produção de novos mundos com possibilidades infindáveis.

O melhor é a criação, a invenção de novos Universos de referência; o pior é a mass-midialização embrutecedora, à qual são condenadas hoje em dia milhares de indivíduos. As evoluções tecnológicas conjugadas a experimentações sociais desses novos domínios, são talvez capazes de nos fazer sair do período opressivo atual e de nos fazer entrar em uma era *pós-mídia*, caracterizada por uma reapropriação e uma re-singularização da utilização da mídia¹⁵

1. 1 – A RELAÇÃO HOMEM/TÉCNICA

Não é possível negar o quanto o homem e a técnica estão entrelaçados e o quanto o desenvolvimento tecnológico se faz presente na produção de subjetividade influenciando diretamente a vida humana desde os primórdios. A introdução de um objeto novo, ou o desenvolvimento de uma área de conhecimento modifica as formas de viver, pensar e o ritmo

¹⁵ GUATTARI, 1992. P.15.

natural da vida. É possível pensar que o advento das máquinas conduziu à uma espécie de maquinização da sociedade mudando todo seu funcionamento.

Nos séculos XVI e XVII a utilização das máquinas começou a difundir-se e, naquele momento, era idealizada como a libertação humana do trabalho pesado e da subjugação às forças da natureza. Mas o que se verificou foi que as máquinas construídas nesta época aumentaram o trabalho na medida que permitiam ao trabalhador suportar mais horas em atividade e permitiu a contratação de mulheres e crianças por não exigir força física para realização de algumas tarefas. Dois pontos devem ser observados: estas mudanças incentivaram a busca da produção desenfreada e introduziram o problema do desemprego.

Ao invés de libertar o homem e fazer dele ‘o senhor e dominador da natureza’, a máquina transformou o homem num escravo de sua própria criação. Além disso, por um paradoxo surpreendente, a máquina, ao aumentar a potência produtiva do homem, sem dúvida criou a riqueza mas, ao mesmo tempo, difundiu a miséria ¹⁶.

Dessa maneira, a máquina possibilitou o fortalecimento do capitalismo e passou a ser alvo de graves críticas.

Após a Revolução Industrial as legislações referentes às mulheres e crianças e às horas e dias de trabalho regularizaram um pouco a situação. A partir daí os avanços tecnológicos começaram a trazer benefícios diretos aos mais pobres, permitindo momentos de lazer e acesso à cultura. Assim, cabe ao próprio homem decidir como utilizar as técnicas disponíveis. “A máquina, quero dizer a inteligência técnica do homem, manteve a sua promessa. Agora

¹⁶ KOYRÉ, 1991. P. 245

cabe à sua inteligência política e á sua inteligência *tout court* decidir para que fins ele empregará a potência que foi colocada á sua disposição”¹⁷.

O desenvolvimento tecnológico atende às demandas sociais e de acordo com o ponto de vista pode ter uma interpretação ambígua: por um lado permitir a democratização do acesso ao saber e por outro obstacularizar a participação coletiva nas instâncias de concepção e decisão tecnopolítica. O que observamos é um otimismo exagerado em oposição a um pessimismo apocalíptico que pressupõe uma eterna relação de dominação.

Escóssia (1999) aponta quatro concepções diferentes da técnica: (1) uma concepção instrumentalista; (2) uma concepção anti-instrumentalista; (3) a concepção dromológica e (4) a concepção ontogenética – na qual se apóia esta dissertação.

A concepção instrumentalista define a técnica como o conjunto de meios e instrumentos neutros a serviço da emancipação e do progresso. Relacionada ao advento da ciência moderna, acredita que a relação do homem com a técnica passa pela relação deste com a natureza. A ciência moderna valoriza a matematização e a experimentação da natureza como exercício de liberdade e progresso humano. O objetivo é dominar a natureza. Pode-se dizer que esta dominação é chamada de humanismo. Há uma equiparação entre o desejo de compreender a natureza e a manipulação para colocá-la sob o jugo do homem. As técnicas são os instrumentos que permitem esta manipulação. O corpo é visto como uma máquina criada e comandada por Deus. Esta perspectiva ao simplificar a natureza, valoriza o homem: “de organismo vivo, a natureza se transforma em máquina, em matéria inerte, e o espírito humano, antes imanente à natureza, se torna transcendente. Transcendência necessária à manipulação experimental”¹⁸. A técnica é o meio pelo qual o homem exerce o domínio exterior e absoluto sobre a natureza. Isto nos mostra como a relação de dominação é

¹⁷ *ibid.* P. 250.

¹⁸ ESCÓSSIA, 1999. P.25.

implantada também na relação homem-técnica. Aqui, o valor da técnica é sempre positivo, emancipador.

A cibernética rompe a aliança entre o humanismo e a ciência moderna desde o Renascimento ao fazer do pensamento humano seu objeto de conhecimento e simulação. “Não apenas o homem, mas também a máquina pode ser considerada um ser pensante. A simplificação e a mecanização aplicada antes ao corpo-natureza é estendida ao espírito: o feitiço se volta contra o feiticeiro”¹⁹. O homem migra para o pólo da natureza e agora não é mais o homem X natureza utilizando a tecnologia, é o homem X tecnologia. Não podemos dizer que esta perspectiva é passada. A razão tecnocientífica ainda alimenta o desejo de poder absoluto à despeito de suas conseqüências.

Reagindo a este quadro, estabeleceu-se a concepção anti-instrumentalista que rejeita a neutralidade definindo a técnica como potência autônoma.

A técnica moderna não é, segundo Ellul, uma coleção de objetos técnicos, de máquinas ou de meios, mas uma realidade global, um fenômeno de natureza sistemática, que se desenvolve de forma autônoma com relação aos sistemas social e econômico e às vontades singulares dos homens²⁰.

Dessa forma, a técnica tem um caráter determinista e perigoso, impõe uma submissão inevitável. Aqui permanece a idéia de dominação, mas é a técnica que domina o homem.

Uma outra concepção de técnica surgiu sendo própria dos dispositivos contemporâneos, é a concepção dromológica, que analisa a técnica a partir de uma lógica da

¹⁹ *ibid.* P. 28

²⁰ ELLUL, 1997 apud ESCÓSSIA, 1999.

velocidade. Trata-se de uma lógica da corrida que se instaura com a revolução tecnológica e toma a velocidade como valor absoluto.

Com a informática a velocidade se desterritorializa passando a ser o valor e a medida vigentes. O domínio agora é do e no tempo. A autora cita Virilio, para quem o excesso de velocidade resulta numa paralização. “Ao fazer com que todos os lugares se tornem equivalentes, a aceleração reduz o mundo a um único lugar, uma única identidade, esgotando o tempo-movimento. Trata-se de um dispositivo de controle do tempo mais eficaz que qualquer outro que o antecedeu”²¹. Neste ponto a sedentariedade aparece como o maior efeito do que Virilio chamou de *cronopolítica tecnocientífica* na subjetividade contemporânea.

“Esse sedentarismo produzido pelas tecnologias de comunicação em tempo real – a teleação – tem como correlato a diminuição da espessura do mundo, já que tudo chega sem que seja necessário partir”²². A realidade é reduzida à informação. As tecnologias modernas continuam gerindo o espaço e o tempo humano.

A quarta concepção de técnica e na qual se deterá esta dissertação é a ontogenética, que visualiza a técnica como dimensão do devir coletivo da humanidade. “A relação homem-técnica é definida como dimensão de individuação psíquica e coletiva – que são individuações simultâneas e correlatas”²³.

A concepção que denominamos ontogenética é aquela que considera a técnica em sua estreita vinculação com o devir coletivo e com o mundo das significações da cultura. Inserida numa gênese mais vasta que a do indivíduo – a gênese do ser -, a técnica passa a ser vista como expressão da dimensionalidade do ser individuando-se”²⁴. O eixo para pensar a gênese dos sujeitos e dos objetos técnicos é o princípio de processualidade e de evolução do ser. A tecnologia é um elemento fundamental no processo de hominização.

²¹ Ibid. P.38

²² ibid. P. 39.

²³ Ibid. P. 16.

²⁴ Ibid. P. 44.

Para Deleuze e Guattari, a técnica é uma dimensão constitutiva da subjetividade, ou vetor de subjetivação. Haveria uma simultaneidade na emergência dos sujeitos e dos objetos e também uma causalidade recíproca.

Pensar a técnica como desdobramento do ser, como motor de individuação humana, pois ao se individuar, o objeto técnico cria um novo espaço. Assim, o sistema formado pelo sujeito e pelo mundo é reinventado toda vez que se cria um objeto, estabelecendo uma nova dinâmica no campo de subjetivação individual e coletiva²⁵.

A abordagem ontogenética enfatiza o caráter mediador da técnica, busca problematizar a dicotomia homem/técnica e pensar a técnica como mediadora entre a natureza e o homem. Neste sentido, vai ao encontro do que Latour (1994) coloca como o hibridismo da natureza e da cultura onde os objetos técnicos são seres intermediários e atores de uma imensa rede na qual inúmeros pontos se conectam. Essas conexões são os nós da rede, ou, podemos assim chamar, os atores, que estão constantemente conectados por inúmeros caminhos. O que não quer dizer que haja um centro com várias direções; são múltiplos caminhos interligados, sem princípio nem fim, por linhas que se cruzam onde é sempre possível fazer uma nova conexão ou retornar o ponto de partida.

A técnica, como um dos atores da rede, se faz presente no processo de invenção do sujeito. Se entendermos subjetividade como processo em constante produção onde não apenas o sujeito está implicado, mas também o ambiente, a cultura, as relações sociais, os humanos e os não-humanos, começamos então a pensar na perspectiva da rede de atores. A perspectiva da rede de atores incide no ponto de articulação entre humanos e não-humanos, coloca a inter-relação entre os vários aspectos envolvidos numa mesma situação. Não há coisa em si, de

²⁵ Ibid. P.47.

alguma maneira, todas as coisas são constituídas por vários atores da rede. Há um coletivo envolvido no objeto técnico onde estão relacionados o técnico, o material e o social. A técnica faz parte de um labirinto onde todos os caminhos estão ligados.

Deste modo, se considerarmos no blog um ponto de vista ontogenético, nossa pergunta incide sobre o modo como a intimidade contemporânea se constrói a partir deste dispositivo técnico. Em outras palavras, que intimidade é esta que se produz a partir dos *blogs* uma intimidade que parece só fazer sentido a partir do olhar do outro?

Ao inventarmos objetos produzimos um coletivo comum, público e partilhável. Por outro lado, este “mundo” produz novas subjetividades mutantes e provisórias. O domínio de uma tecnologia cria para o indivíduo um novo regime cognitivo. A partir do momento que um objeto técnico, ou uma nova tecnologia são desenvolvidos, novas habilidades são necessárias para lidar com estes. Podemos pensar o desenvolvimento tecnológico como impulsor de um devir cognitivo. Devir que é marcado por um duplo processo de criação: a técnica cria a cognição e a cognição cria a técnica. Nesse enfoque, o indivíduo está constantemente integrado numa rede de sistemas que colaboram entre si por trocas de informações mediatizadas pelos dispositivos técnicos. O indivíduo participa na formação da rede compondo o meio na mesma medida em que é composto por ele. Não há distinção sujeito/objeto *a priori* a distinção é *a posteriori* sempre parcial, instável, local, homem e mundo formam um único sistema.

“A técnica é, portanto, um dos atores a produzirem diferença na rede coletiva ou sociotécnica – que não é outra coisa senão o próprio campo de produção de subjetividade ou de individualização do coletivo”²⁶.

Para Lévy (1999), a técnica é virtualização da ação. É da ordem da objetivação, da subjetivação, do coletivo. Ao inventarmos objetos produzimos um mundo comum

²⁶ *ibid.* P.50.

compartilhável. Por sua vez, o mundo técnico produz novas subjetividades. Não há distinção sujeito/objeto, homem e mundo formam um único sistema.

O coletivo sendo o campo da existência cotidiana, é o único capaz de gerar sentido, pois traduz o sentido da imanência da ética. O coletivo convoca o comum, o que está disponível, o que pode ser incluído. E sabemos que todo processo de subjetivação implica a inclusão de objetos, paisagens, odores, sons, enfim, implica a inclusão do mundo: é incluindo o mundo e nos compondo com ele que nos reinventamos e reinventamos o mundo ²⁷.

A relação do homem com a técnica é assimétrica e complementar, tem valor de devir na medida em que os dois se constituem na relação, não são termos dados *a priori* e nem há redução de um ao outro. “Na relação complementar e assimétrica o homem é um ser inacabado que a máquina completa (temporariamente) e a máquina é um ser que encontra no homem sua *unidade*, sua finalidade e sua ligação ao conjunto do mundo técnico” ²⁸. Com a utilização constante de tecnologias elas tornam-se parte do indivíduo, deixam de serem vistas como algo externo e passam a fazer parte de sua própria constituição.

Haraway (2000), afirma que na pós-modernidade não existe um limite entre o humano e a máquina, os dois estão acoplados. A autora utiliza o termo ciborgue para referir-se aos habitantes do contemporâneo sendo este constituído por redes híbridas nas quais o humano e a tecnologia se complementam sem que um seja responsável pela criação do outro.

A técnica é uma dimensão fundamental para a transformação do mundo humano por ele mesmo. Ela é tanto produto do humano, que surge a partir de suas necessidades e

²⁷ *ibid.* P.91.

²⁸ *ibid.* P.69.

pretensões, quanto meio de transformação deste. O ponto principal desta discussão não deve ser a técnica em si, mas o uso que fazemos dela.

O desenvolvimento e popularização da informática possibilitou novas maneiras de pensar e de conviver, transformou a relação entre os homens, o trabalho e as formas de se comunicar. Possibilitou o que chamamos de “mundo globalizado” com suas virtudes e perigos. Transformou a sociedade numa grande rede interconectada. Para uma parcela considerável da população mundial a informática é hoje uma tecnologia tão incorporada quanto a escrita.

O surgimento e desenvolvimento de toda e qualquer tecnologia deve ser pensado dentro de um contexto histórico e social. Cabe a cada um de nós decidir o rumo a ser tomado.

Com a junção da informática, da telemática e do audiovisual talvez um passo decisivo possa ser dado no sentido da interatividade, da entrada em uma era pós-mídia e, correlativamente, de uma aceleração do retorno maquínico da oralidade. O tempo do teclado digital terá em breve acabado; é através da fala que os diálogos com as máquinas poderá se instaurar, não apenas com as máquinas técnicas, mas também com as máquinas de pensamento, de sensação, de concertamento... tudo isso, repito, com a condição de que a sociedade mude, com a condição de que novas práticas sociais, políticas, estéticas, analíticas nos permitam sair dos grilhões da fala vazia que nos esmagam, da laminação de sentido que pretende se impor por toda parte²⁹.

²⁹ GUATTARI, 1992. P.122.

1.2– AS TECNOLOGIAS DA INTELIGÊNCIA

Pierre Lévy é um grande defensor do ciberespaço como meio de emergir singularidades e fortalecer a democracia sendo muito criticado por sua postura otimista. Para o autor, a democracia passa pela apropriação do fenômeno técnico, pois aposta no potencial revolucionário das novas tecnologias que podem conduzir a construção de subjetividades singulares.

Numa de suas principais publicações “As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática”, o autor defende a tese de que “não há essência congelada do computador, mas sim um campo de novas tecnologias intelectuais, aberto, conflituoso e parcialmente indeterminado”³⁰. Considera as tecnologias intelectuais como participantes fundamentais no processo cognitivo, sendo a informática e, principalmente, o acesso à internet seu maior representante.

A informática intervém tanto nos processos de subjetivação individuais quanto nos coletivos. Permite a conexão entre os vários saberes, escolher os atalhos desejados durante a leitura de um texto, interagir com pessoas em qualquer lugar do mundo. Transforma conhecimento, já que a leitura de um mesmo texto pode percorrer caminhos diversos de acordo com o interesse do leitor. O texto não é apenas lido, é explorado de forma interativa. “A Inteligência ou a cognição são o resultado de redes complexas onde interagem um grande número de atores humanos, biológicos e técnicos. O pretense sujeito inteligente nada mais é que um dos micro atores de uma ecologia cognitiva que engloba e restringe”³¹. O pensamento se dá numa rede interconectada que transforma e traduz as representações. As representações podem ser mantidas pelo armazenamento da informação e os novos processos de informação

³⁰ LÉVY, 1993. P. 9.

³¹ Ibid. P.135

fazem surgir novos tipos de representações. As tecnologias intelectuais desempenham um papel fundamental nos processos cognitivos. “Pensar é um *devoir* coletivo no qual misturam-se homens e coisas”.³²

Segundo Lévy (2000), a humanidade desenvolveu quatro tipos de saberes: (1) o saber ritual, místico, encarnado como comunidade viva; (2) saber trazido pelo livros, possível pela transmissão da escrita, sendo a referência o intérprete ou comentador; (3) com o advento da imprensa o livro é substituído pela biblioteca e o detentor do saber passa a ser o sábio ou erudito; (4) o momento atual, onde vivemos a desterritorialização da biblioteca onde novamente o portador do saber é a comunidade viva, mantém um saber vivo e dinâmico.

“Nenhum tipo de conhecimento, mesmo que pareça-nos tão natural, por exemplo, a *teoria*, é independente do uso de tecnologias intelectuais”.³³ Esta afirmação de Lévy nos faz pensar o quanto a técnica está presente em toda evolução humana e em como, com o passar do tempo, ela se incorpora e torna-se parte do homem. Se estudarmos a história da evolução humana veremos como o desenvolvimento tecnológico, desde as ferramentas mais primitivas até as tecnologias mais avançadas da atualidade, possibilitou meios de potencializar e propagar a memória e a linguagem de maneira irreversível. O autor enfatiza três pontos marcantes nessa evolução: (1) a oralidade, (2) a escrita e (3) a informática. O fato de diferenciar esses estágios na evolução do conhecimento não significa que um elimine o outro. Apesar das evoluções as antigas formas de transmissão de saber continuam a existir.

O desenvolvimento da informática e, principalmente, da internet acarretaram consideráveis mudanças cognitivas. O conhecimento divulgado na internet perde sua qualidade de memória mesmo com a alta capacidade de armazenamento. Um texto trabalhado no computador ou disponibilizado na internet é constantemente modificado, atualizado. O caminho que levou até determinada idéia é apagado para ficar somente seu estado mais

³² *ibid.* P.169

³³ LÉVY, 1993, P. 75

recente. “A noção do tempo real, inventada pelos informatas, resume bem a característica principal, o espírito da informática: a condensação no presente, na operação em andamento”.

³⁴ Enquanto o saber da escrita é estático o saber da informática está em constante movimento. A lei vigente é a da velocidade e da transformação. Esse movimento é o reflexo da sociedade contemporânea onde nada se retém, tudo é passageiro e descartável.

Por outro lado, a informática abre caminhos para meios de comunicação que estimulam a coletividade. Permite a troca de saberes através de discussões em tempo real com pessoas que, provavelmente, não se encontrariam sem este recurso. Na internet é possível localizar todo tipo de informação em um breve espaço de tempo. Estão disponíveis textos, imagens, músicas, debates e tudo o mais que se puder imaginar. Mesmo os autores clássicos são encontrados na grande rede – o que não significa um declínio na publicação e aquisição de livros.

Os programas desenvolvidos pela informática possibilitaram o conhecimento por simulação. “O modelo digital não é *lido* ou *interpretado* como um texto clássico, ele geralmente é *explorado* de forma interativa”.³⁵ O usuário de um modelo digital testa possibilidades faz alterações e, se não gostar do resultado, volta para o anterior. No caso em que estamos analisando, os *blogs*, podemos notar esta exploração: os jovens alteram suas páginas constantemente, fazem e refazem os textos e imagens que ali estão expostos. Trata-se, parece-nos, de um processo de exploração pública da intimidade, ou dito de outro modo, esta exploração pública da intimidade parece ser um eixo fundamental para se pensar a intimidade no contemporâneo.

Na internet os textos não se apresentam na grande rede de forma linear. São o que Lévy (1993) chamou de hipertexto: “Tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. (...) Funcionalmente, um hipertexto é um tipo de programa para a

³⁴ *ibid*, P. 115

³⁵ *ibid*, P.121

organização de conhecimentos ou dados, a aquisição de informações e a comunicação”.³⁶ Lévy (1993), apresenta seis princípios que caracterizam o hipertexto: (1) princípio de metamorfose, o texto está em constante transformação, seu desenho é reconstruído por cada um que o acessa; (2) princípio de heterogeneidade, os nós e as conexões no hipertexto podem ser gráficos, palavras, imagens, sons, todo elemento pode estar presente; (3) princípio da multiplicidade e de encaixe das escalas, qualquer nó do hipertexto pode ser analisado como composto por toda a rede e produzir efeitos nesta rede; (4) princípio de exterioridade, o crescimento e recomposição do hipertexto depende de um exterior indeterminado, ele não possui unidade orgânica nem motor interno; (5) princípio de topologia, no hipertexto tudo funciona por proximidade, a rede é o espaço onde tudo que se desloca deve utilizá-la tal como ela se encontra e (6) princípio de mobilidade dos centros, a rede não possui um único centro, mas diversos centros perpetuamente móveis.

O caminho percorrido é escolhido pelo leitor através de *links* que, apenas com um “clique”, podem levar a outros textos, gráficos, imagens ou hipertextos. O percurso não é linear, cada ponto escolhido pode levar a vários outros. O ponto, naquele momento, passa a ser o centro da rede, mas basta mudar o percurso para que se encontre um outro centro. Esses caminhos a percorrer são popularmente chamados de navegação. O leitor na grande rede navega pelos diversos textos. Se, por um lado, isso amplia suas possibilidades, por outro exige um esforço maior para manter o foco no que se está procurando, pois são tantas as possibilidades que a tendência é a dispersão. Logo, nos encontramos diante de uma nova necessidade: aprender a dirigir a atenção.

Esse mundo novo oferecido pela informática trouxe consigo uma outra dimensão: a dimensão do virtual. “O virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer,

³⁶ *ibid*, P.33

e que chama um processo de resolução: a atualização”.³⁷ No senso comum o virtual é entendido em oposição ao real, mas sua oposição é em relação ao atual. Este entendimento é baseado no fato do virtual não estar presente, ser desterritorializado. O virtual é aquilo que existe em potência e que é passível de atualização. Um texto virtual existe em potência na grande rede e é atualizado quando acessado num computador. “A realidade virtual é, portanto, a geração de um mundo a partir de uma relação homem – máquina, um mundo criado artificialmente, que o usuário, depois, pode ‘habitar’”³⁸.

I.4 – A REDE MUNDIAL DE COMPUTADORES E O CIBERESPAÇO

A difusão da internet propiciou a criação do ciberespaço que trouxe mudanças irreversíveis. Lévy (1993) define o ciberespaço como o “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores e das memórias dos computadores”.³⁹ O universo do ciberespaço não possui centro, linha diretriz ou conteúdo específico; ele aceita todos os conteúdos e mantém todos estes em possível contato. A palavra de ordem aqui é a interconexão, tudo e todos devem ter um endereço na internet.

No ciberespaço é possível manter um endereço para receber correspondência (e-mail), trocar mensagens instantaneamente, buscar informações, adquirir produtos e serviços e criar comunidades virtuais que, para Lévy (1993) são espaços para troca de conhecimentos regidos

³⁷ LÉVY, (1996) P. 16. Entre tantos outros autores que trabalham o conceito de virtual foi escolhido Pierre Lévy por sua proximidade com a filosofia da informática. No entanto, este trabalho não tem a intenção de estudar tal conceito.

³⁸ SANTOS, 2003 P.110.

³⁹ LÉVY, 1993 P. 92

pelo princípio da reciprocidade e por uma espécie de “*netiqueta*” que desencoraja a publicidade, incentiva a discussão e zela para que não se perca tempo respondendo algo que já foi respondido. Nessas comunidades há total liberdade de expressão desde que não ofenda ou desrespeite outros participantes.

É um espaço novo, livre, onde qualquer um pode divulgar o que quiser. Não existe regulamentação. Muitos dos avanços que obtemos hoje é fruto do ciberespaço. Mas juntamente com esses avanços faz-se necessário rever antigos conceitos e desenvolver novas habilidades. Tivemos de reformular nossa noção de tempo e espaço, tarefa ainda não bem compreendida por todos. O espaço que encontramos hoje está se reconfigurando. Certamente, não o entendemos como em outros tempos. O espaço perdeu sua definição de lugar fixo com propriedades diferentes e específicas para cada lugar. Através da internet pode se estar em qualquer lugar sem sair de casa.

O conceito de tempo também deve ser repensado, pois este já não é um empecilho. Podemos transitar por diversos espaços de maneira quase instantânea. Vivemos num ritmo acelerado e cada vez mais produzimos ferramentas que alimentam este estilo de vida. Com a internet podemos estar em contato com pessoas em qualquer lugar do mundo, independente da distância e em tempo real.

Estas transformações na atualidade são influenciadas diretamente pela aplicação de uma lógica informacional ao cotidiano, em conjunto com a difusão da noção de rede modificando de forma substancial as estruturas sociais. Podemos dizer que tanto o ciberespaço quanto o espaço urbano lidam com as mesmas questões: a relação tempo/espaço e a dimensão de coletivo nos espaços públicos.

O espaço diz respeito à forma como o corpo se relaciona com a exterioridade limitado por suas qualidades perceptuais. O espaço, como concebemos hoje, é o espaço de fluxos. Ele não é desprovido de lugar, somente sua estrutura lógica o é. Está localizado no interior de uma rede que conecta lugares específicos com categorias bem definidas, sendo que cada nó está conectado à totalidade da rede.

De certa forma, podemos dizer que a vida urbana migrou para o ciberespaço. Tomemos como exemplo os espaços públicos. No urbano, os lugares públicos funcionam como um local onde as pessoas podem se encontrar, trocar ou apenas circular. Qualquer um pode entrar ou sair, em qualquer momento, deixar sua marca ou passar despercebido. O público permite que cada um seja anônimo e passe pelo que quiser. Estes espaços são recriados em dimensão virtual como locais de encontro e sociabilidade. Existem comunidades na internet que permitem o encontro com várias pessoas e a troca de mensagens de maneira instantânea. São “locais” onde qualquer um pode “entrar” e interagir com os demais, observar, ou simplesmente passar. É a invenção de novas formas de sociabilidade.

Voltemos ao conceito de rede aqui entendido como um conjunto de nós interconectados, que não tem começo, nem fim, nem centro, todos os pontos levam a todos os outros. Uma rede não é um sistema fechado, ela pode ser interrompida, expandir, criar novas conexões. As possibilidades são ilimitadas. Nesta perspectiva todos são atores na produção da rede, tanto os humanos quanto os não humanos. Há um coletivo envolvido onde tudo está ligado: sujeito, tecnologia, social, material, política... Segundo Lévy (1999), o ciberespaço funciona como uma rede de memórias informatizadas de todos os computadores, é uma nova *polis* se constituindo.

A estrutura centro periferia ganha novos contornos mas não desaparece. Por sobre esta impõe-se, no momento, uma outra estruturação baseada em rede, que tende a estruturar

segmentos pontuais como 'espaços de lugares' no tecido existente e a 'alisar' a morfologia das áreas de entorno pela imposição de uma lógica de fluxos que conecta esses 'lugares'⁴⁰

O ciberespaço foi desenvolvido através de um movimento internacional de jovens buscando a experimentação coletiva de diferentes formas de comunicação abrindo um novo espaço que deve ser explorado positivamente nos planos econômico, político, cultural e humano (Lévy, 1999). Sua configuração encoraja um tipo de relacionamento quase independente do espaço geográfico e da coincidência de tempo. A emergência desse espaço tecnológico é irreversível e indeterminada e não sabemos ainda o que isso significará no futuro. A velocidade com que se pode trocar informações e a possibilidade de estar em vários lugares ao mesmo tempo atende à demanda social de movimento, rapidez e eficiência. Simultaneamente pode-se estar em vários lugares, realizando diversas atividades, sem sair da proteção do lar.

Assim como nas cidades, no ciberespaço as pessoas se agrupam por afinidade, escolhem os *sites* e grupos de discussão por interesses comuns e incontáveis comunidades são criadas para possibilitar o encontro de estranhos - que para alguns é impensável nos espaços públicos tão ameaçadores. Navegando na grande rede é possível conhecer lugares, realizar transações bancárias, "visitar" pessoas em suas páginas virtuais, estudar, fazer compras, conversar; abre-se uma infinidade de possibilidades.

Num primeiro olhar, o ciberespaço parece ter a função de impedir os encontros, o contato significativo entre as pessoas. A informática não deve ser julgada positiva ou negativamente, deve ser entendida como um lugar de possibilidades, que tem como um dos caminhos a singularização e o desenvolvimento do coletivo. "Sempre ambivalentes as

⁴⁰ SOUZA, 2001 P.150

técnicas projetam no mundo material nossas emoções, intenções e projetos. Os instrumentos que construímos nos dão poderes mas, coletivamente responsáveis, a escolha está em nossas mãos”⁴¹. As técnicas são imaginadas, fabricadas e reinterpretadas pelo seu uso. Não podemos atribuir um sentido único para o desenvolvimento tecnológico, por trás deste há projetos sociais, utopias, interesses econômicos, estratégias de poder e toda gama dos jogos dos homens agindo e reagindo às idéias.

O contemporâneo é impensável sem considerar o desenvolvimento da informática, das telecomunicações e da biotecnologia que, dentro da concepção ontogenética trabalhada neste capítulo, é resultado e também desencadeador das novas subjetividades. Nas palavras de Sibilia (2002): “somente agora a criatura humana passaria a dispor, de fato, das condições técnicas necessárias para se autocriar, tornando-se um gestor de si na administração do seu próprio capital privado e na escolha das opções disponíveis no mercado para modelar seu corpo e sua alma”⁴². Deste modo, a pergunta que orienta este trabalho incide sobre as transformações que tais condições técnicas produzem na noção de intimidade,, tomando como foco de análise os *blogs* como dispositivos que na atualidade atuam como vetores de reinvenção desta intimidade. Por esta via, é preciso discutir as muitas derivas que marcam a noção de intimidade no mundo contemporâneo.

⁴¹ LÉVY, 1999. P.17

⁴² SIBILIA, 2002. P. 16

Capítulo II – A Intimidade Contemporânea: interconexão, consumo e visibilidade

Podemos observar na passagem do que chamamos Modernidade para Pós-Modernidade⁴³ transformações marcantes no que tange à fronteiras bem delimitadas entre vida íntima e espaço público, estabilidade, ordem, construção de identidade e pureza. Enquanto na Modernidade esses valores imperam, na pós-modernidade parecem ter perdido sua importância. Idéias fundadoras da Modernidade como privacidade e liberdade ou a valorização do passado para o autoconhecimento são descartadas no contemporâneo. O que predomina é a diferença, a fragmentação, a desinstitucionalização e o subjetivismo, sendo a busca pelo prazer instantâneo, o consumo desenfreado e o sucesso os principais objetivos. “O mundo pós-moderno está se preparando para a vida sob uma condição de incerteza que é permanente e irreduzível”⁴⁴. Todas as formas de viver são permitidas mas nenhuma parece segura. A diferença é vista como uma coisa boa e necessária para a individualidade. Para Bauman (2001), a marca da pós-modernidade é a “vontade de liberdade” mas essa liberdade tem um preço: a insegurança, a dúvida, falta de sentido e o medo. Essa nova forma de existência produziu mudanças subjetivas marcantes.

Na atualidade as diferenças são institucionalizadas, passageiras e maleáveis. Isso faz com que seja problemático manter-se fiel a qualquer tipo de identidade. O mal-estar contemporâneo resulta de cada vez maior liberdade em troca de menos segurança. Para minimizar esse sentimento cada vez mais surgem especialistas em “personalidades” e soluções de problemas, literatura de auto-ajuda, guias de comportamento e grupos de ajuda-mútua que possam “ensinar” como se deve viver.

⁴³ Essa concepção acompanha Bauman no livro *Modernidade Líquida*

⁴⁴ BAUMAN, 2001. P. 32

Os homens e mulheres pós-modernos, quer por preferência, quer por necessidade, são selecionadores. E a arte de selecionar é principalmente em torno de evitar um perigo: o de perder uma oportunidade – por não vê-la bastante claramente, ou por não persegui-la bastante incisivamente, ou por ser um agente de demasiada inexperiência para capturá-la. Para evitar este perigo os homens e mulheres pós-modernos precisam de aconselhamento” (idem, p.221).

O *blog* parece ser uma das ferramentas para orientação. Através do conhecimento do cotidiano do outro, o *blogueiro* “aprende” uma forma de viver. Busca nesses personagens uma referência que já não encontra nas instituições tradicionais. Se antes o fato de pertencer a um lugar, uma família ou ter uma profissão tornava possível pensar quem se é e o que se deve fazer, nos dias de hoje não encontramos referências tão fortes. Somos constantemente estimulados a construir identidades transitórias, temporárias e a buscá-las nas vidas tornadas espetáculos. Encontramos “identidades” vendidas da mesma maneira que comportamentos ou objetos que estão na moda. E as possibilidades são múltiplas, basta escolher a “personalidade” que se quer usar no momento.

O ser humano contemporâneo é fundamentalmente desterritorializado. Com isso quero dizer que seus territórios etológicos originário – corpo, clã, aldeia, culto, corporação... – não estão mais dispostos em um ponto preciso da terra, mas se incrustam, no essencial, em universos incorporais. A subjetividade entrou no reino de um nomadismo generalizado⁴⁵

⁴⁵ GUATTARI, 1992. P .169

A história se acelera e os acontecimentos se sobrepõem de maneira exacerbada. Nosso passado vira história muito rapidamente e o futuro não é algo para se pensar. Vivemos um presente constante. No *blog*, o que interessa é principalmente o presente. Por mais que nele esteja arquivada a história do autor o que é valorizado é a última atualização, o que aconteceu recente. O *blogueiro* quando visita as páginas de sua preferência ou encontra uma nova que lhe desperta o interesse, limita-se ao último *post*, apenas este é lido e comentado. Para manter seu público o autor de um diário virtual precisa acompanhar o movimento dos interesses que, como tudo o mais na sociedade reduzida ao presente, é passageiro.

Encontramos reflexos dessa presentificação também na forma como o *blog* apresenta seus *posts*. São fragmentos de acontecimentos colocados de forma cronológica, iniciando-se pelo mais recente. A ferramenta que permite saber se o *blog* foi atualizado recentemente é o que determina se o mesmo será visitado ou não. É mais uma forma de mostrar o presente, o passado não importa. Não é necessário acompanhar a trajetória do autor já que o que ele escreve são apenas fragmentos do vivido. Isto pode ser observado no *post* abaixo retirado de um dos blogs visitados durante a pesquisa.

Sem nada pra contar... to em ksa essa semana td... so saio pra ir no medico! :/
 Mas to melhoraando! eu acho...
 Pelo - febre naum tenho mais... :]
 Quem viu "Lisbela e o prisioneiro"? amei... :] mt bom!!
 FDS ta chegando... a noite vo ficar em casa... :/
 Mas a tarde vo sair... pelo - nééé...
 Preciso ver gente!
 Bom, eh isso!

Outra figura do excesso é o espaço. Com a aproximação conseqüente da globalização a noção de espaço se expandiu. A facilidade para viajar, seja por estradas ou pela Internet, permitiu o conhecimento de diversos modos de viver e ampliou todas as possibilidades

fazendo com que cada vez seja mais complexo escolher apenas uma. Vivemos transitando pelo que Augé (1994), chamou de não-lugares: espaços de circulação sem referências identitárias ou históricas que impossibilitam a interação. “O espaço do não-lugar não cria nem identidade singular nem relação, mas sim solidão e similitude”⁴⁶.

A Internet é um bom exemplo de não-lugar. Pode-se estar em vários lugares diferentes ao mesmo tempo sem sair de casa. Tudo está interligado, conectado através de *links*. Inicia-se a navegação e o que importa é onde se está no momento. Não interessa o caminho percorrido. Muitas das vezes nem se lembra como chegou onde está. Cada janela aberta no computador é um novo lugar que, quase simultaneamente, é visitado.

Parece que, de alguma maneira, tentamos reconstituir territórios e, ao mesmo tempo, acompanhar as transformações tecnológicas e científicas. Buscamos uma identidade na tentativa de estabilizar as diversas forças que interferem em nossas subjetividades, mas concomitantemente tentamos acompanhar as mudanças sugeridas e essas são muitas. Cada dia uma nova forma de existir é proposta como ideal pela mídia. Novos remédios, tratamentos e possibilidades de manipulação do corpo são desenvolvidos; ensinamentos sobre como lidar com as adversidades do cotidiano são divulgados por especialistas; novas drogas são desenvolvidas para as diversas manifestações do sofrimento psíquico; infinidades de objetos a consumir são divulgados e outras formas de relacionamento vão surgindo. Para acompanhar todos esses acontecimentos é necessário que a identidade seja flexível e adaptável o que muitas vezes coloca em xeque a ilusão de segurança necessária para o bem estar.

Mas enfatizemos imediatamente o paradoxo. Tudo circula: as músicas, os slogans, os turistas, os *chips* da informática, as filiais industriais e, ao mesmo tempo, tudo parece petrificar-se, permanecer no lugar, tanto as diferenças se

⁴⁶ AUGÉ, 1994. P. 95

esbate em outras coisas, entre os homens e o estado de coisas. No seio de espaços padronizados, tudo se tornou intercambiável, equivalente. (...) Assim a subjetividade se encontra ameaçada de paralisia⁴⁷.

Passamos do que Foucault chamou de sociedade disciplinar para o que Deleuze chamou sociedade de controle. Se na Modernidade as instituições vigiavam e mantinham a ordem através da punição, na atualidade vivemos sob um controle muito mais sutil. Instituições como a escola, família ou igreja já não dominam os comportamentos. A mídia, o consumo desenfreado, a criação de necessidades artificiais, a exigência de visibilidade e a imposição de modelos tanto físicos quanto subjetivos aos quais se devem seguir criam mecanismos que manipulam e controlam. Os *gadgets* presentes no contemporâneo, como os cartões de crédito, fazem com que seja inevitável estar sob controle. O desperdício e a moda são instituídos para dar continuidade ao processo. “O *gadget* pôde aparecer como a essência e a verdade do objeto de consumo, utensílio nem realmente útil, nem realmente inútil”⁴⁸.

Esse poder disfarçado que controla as formas de vida, chamado por Foucault (1990) de biopoder, como toda forma de poder, cria saber e produz discursos. Surgem cada vez mais especialidades que “ensinam” o que se deve ter, fazer ou pensar. Esse mecanismo é fundamental para o capitalismo. O sistema capitalístico funciona também pelo controle da subjetivação através da cultura de equivalência. “Desse ponto de vista o capital funciona de modo complementar à cultura enquanto conceito de equivalência: o capital ocupa-se da sujeição econômica, e a cultura da sujeição subjetiva”⁴⁹. Para o autor a essência do capitalismo também está na tomada de poder da subjetividade. A cultura de massa é um elemento fundamental na produção de subjetividade capitalística. “Essa cultura de massas

⁴⁷ *ibid.* P. 169

⁴⁸ LIPOVETSKY, 1989. P. 161

⁴⁹ GUATTARI, 1992. P.16

produz, exatamente, indivíduos; indivíduos normalizados, articulados uns aos outros segundo sistemas hierárquicos, sistemas de valores, sistemas de submissão”⁵⁰.

A lógica contemporânea lança no mercado novas subjetividades que são rapidamente adquiridas e descartadas alimentando o consumo de modos de ser em aceleração crescente. Essas subjetividades prometem a individualização, a distinção dos demais. “A ‘individualização’ consiste em transformar a ‘identidade’ humana de um ‘dado’ em uma ‘tarefa’ e encarregar os atores da responsabilidade de realizar essa tarefa e das conseqüências (assim como dos efeitos colaterais) de sua realização”⁵¹. Os produtos apresentados como personalizados por uma infinidade de detalhes ou pelas atribuições subjetivas a eles investidas produzem a ilusão de que através do consumo também é possível estabelecer uma identidade. Esse processo é indispensável para o funcionamento do capitalismo. Criam a necessidade e logo oferecem o produto e, para a continuidade do sistema, cada vez mais coisas são produzidas para substituir as anteriores já vistas como desgastadas.

Assim também acontece com as “personalidades” produzidas e vendidas através da mídia. Estar no centro das atenções hoje não é garantia de que não acontecerá o total esquecimento amanhã. O consumo da vida íntima segue a mesma lógica do consumo de mercadorias: tem valor enquanto é novo e útil, quando a atração termina rapidamente deve ser substituída.

⁵⁰ *ibid.* p.16

⁵¹ BAUMAN, 2001. P.40

II.1 – O CONSUMO DE IDENTIDADES

Com a globalização e os avanços tecnológicos na atualidade verificamos a proximidade entre os diversos modos de existir que bombardeiam as subjetividades. “Identidades locais fixas desaparecem para dar lugar a identidades globalizadas flexíveis, que mudam aos sabores dos movimentos dos mercados e com igual velocidade”⁵².

Há uma flexibilidade e abertura para o novo, mas a persistência em encontrar uma referência identitária permanece. A mídia divulga o que Rolnik (1997) chamou de kits de identidades, ou sejam, identidades prontas para usar, de todos os tipos e atendendo a todos os interesses. Não escolher uma dessas identidades para vestir pode significar não ser ninguém. “Tais experiências tendem, então, a ser aterrorizadoras: as subjetividades são tomadas pela sensação de ameaça de fracasso, despersonalização, enlouquecimento ou até de morte. As forças ao invés de serem produtivas, ganham um caráter diabólico; o desassossego trazido pela desestabilização torna-se traumático”⁵³. Para impedir que isto aconteça, que a ilusão de uma identidade seja abalada diversas toxicomanias são estimuladas: drogas, TV, literatura de auto-ajuda, terapias milagrosas, religiões e identidades prêt-à-porter. Esses “entorpecentes” ajudam a enfrentar o vazio de sentido provocado pela falta de referenciais sólidos e fortalecem os mecanismos da moda que imperam na atualidade.

É característica muito difundida dos homens e mulheres contemporâneas, no nosso tipo de sociedade, eles viverem permanentemente com o “problema da identidade” não-resolvido. Eles sofrem, pode-se dizer, de uma crônica falta de recursos com os quais pudessem construir uma identidade

⁵² ROLNIK, 1997.P.20

⁵³ ibid. P.21

verdadeiramente sólida e duradoura, ancorá-la e suspender-lhe a deriva⁵⁴.

Na lógica do contemporâneo as identidades, assim como tudo o mais, são vistas como mercadoria, como produto a ser consumido. Com a aproximação dos mundos devido à globalização essas possibilidades são incontáveis fazendo com que a pessoa viva em constante processo de decisão. Com a ilusão de que é livre, independente, possuidora de autonomia, acredita escolher o que quer ser.

O recorte abaixo foi retirado da descrição pessoal de uma autora em seu blog e tem como objetivo apresentá-la aos leitores. Constantemente essa descrição é alterada acompanhando o movimento de “troca de identidade”.

Descrição do Blog:

Esse é o Blog da Menina Superpoderosa mais fofa do mundo... EU!! Ando judiando dele coitadinho... é sempre meu cobaia na arte de trocar e criar layouts. Está meio sobrecarregado, como você deve ter observado ao acessá-lo, mas mesmo assim ele continua fiel a mim!!
Besteirinhas e coisas fofinhas e inúteis?? Uhn... aqui tem muita!! hihhi



Apelido: ThAtYnHa

Descrição: Sou uma criancinha! Adoro fazer bagunça com os amigos! Adorooooo comer... principalmente besteiras tipo chocolate! HUUUUUUUU! Leite condensado com Nescau é meu vício!

Já gostei mais de estudar do que ultimamente, mas nem pensar em desistir. Estou fazendo Engenharia de Telecomunicações e daqui há 3,5 anos serei uma engenheira formada!!
Mais alguma coisa? Ah! Então pergunte-me!

⁵⁴ BAUMAN, 2005 P. 38

O movimento de “vestir” novas identidades pode ser observado também nos diários virtuais. No espaço para apresentar seu perfil, constantemente o autor muda a relação de suas preferências, a imagem do *blog* e, com maior frequência, os fragmentos de textos apresentados no topo da página com a intenção de personalizar o autor.

Caso a identidade adotada não satisfaça mais às expectativas de quem a veste, é permitido vestir outra. Nada impede que seja uma pessoa hoje e outra amanhã. A mídia oferece novas “identidades” com a mesma rapidez e variedade que lança novos produtos. Pode-se trocar de “personalidade” quantas vezes quiser desde tornada pública para que passe a ser autêntica.

II.2 – O “EU” TORNADO PÚBLICO

A exposição de si em diários publicados na internet evidencia mudanças claras nas noções de intimidade e privacidade que, na modernidade, estavam bem distintas nas esferas pública e privada. O fenômeno da disputa por visibilidade e pelo consumo da privacidade alheia mostra transformações subjetivas que deixam indefinidas as fronteiras entre vida íntima e espaço público. “Faz parte das regras do sucesso conseguir tornar-se visível. Na sociedade do espetáculo o anonimato não tem valor positivo. O surpreendente despudor com que se aceita exibir intimidades só indica o quanto é a própria privacidade, ou os contornos do que sejam as esferas do público e do privado que estão desmontados.”⁵⁵.

⁵⁵ BEZERRA, 2002

A vida comum, no que esta tem de mais banal, transformou-se num espetáculo para grande público e tal interesse parece ter como recompensa a constatação de que se vive a mesma vida e assim tornando a mediocridade do contemporâneo mais facilmente suportável.

Cada vez mais, a mídia reconhece e explora o forte apelo implícito no fato de que aquilo que se diz e se mostra é um testemunho vivencial: a ancoragem na “vida real” torna-se irresistível, mesmo que tal vida seja absolutamente banal – ou melhor: especialmente se ela for banal; ou melhor ainda: sublinhando especialmente aquilo que toda vida tem de banal⁵⁶.

Esse movimento de banalização do cotidiano aponta para a queda dos valores tradicionais como a preservação da intimidade, a valorização das questões coletivas e das instituições.

Ao contrário dos antigos diários os *blogs* não têm como objetivo o aprofundamento em questões pessoais, estes têm a intenção explícita de alcançar visibilidade. Observamos a necessidade de reconhecimento, de despertar o interesse do outro por sua vida particular como se esse fosse um parâmetro para analisar seu valor como pessoa. Através dos comentários esta avaliação do quanto se é interessante torna-se possível. E para isso não é necessária uma história fantástica para contar, é o cotidiano, no que tem de mais banal e superficial o alvo da curiosidade do público. Se na Modernidade a autenticidade estava na parte oculta da intimidade, no contemporâneo ela está no que é exposto e acessível. “É a lente da câmera, são

⁵⁶ SIBILIA, 2003. P.6

os holofotes e os flashes que criam e dão consistência ao real, por mais anódino que seja o referente ao qual as câmeras apontam: é toda essa parafernália que lhe concede sua “aura”⁵⁷.

É tentador atribuir esse fenômeno a um culto ao individualismo só que, mas do que isso, parece que a intenção é se individualizar, tornar-se diferente de alguma maneira. Podemos observar tal fato nos discursos publicitários, na expressão do desejo de ser único ou ter algo exclusivo. Esse indivíduo não mais se define pelo que ele é através de sua interioridade. Hoje é a superfície, o próprio corpo, os acessórios e as relações sociais que permitem a individualização.

Na contemporaneidade a exigência de visibilidade faz com que sejam relevantes os cuidados com o corpo, com a aparência física e com a imagem de si mesmo que cada um apresenta para os outros. As tecnologias atuais permitem escolher o que se quer ser através da manipulação corporal. Já existem recursos para modificar o rosto, por exemplo, a ponto de “tornar-se outra pessoa”. Aqui podemos pensar também alterações mais simples como tatuagens, piercings, cores e cortes de cabelo, dietas e exercícios que permitem chegar ao “ideal de corpo perfeito” vendido pela mídia juntamente com a idéia de que se é o que se parece ser. Esses recursos permitem seguir a ordem de diferenciar-se, ser único e especial. É como se o corpo trouxesse autenticidade a personalidade, aqui passível de ser esculpida.

Assim como os **corpos** humanos, os **modos de ser** se transformam em **mercadorias** lançadas aos nervosos vaivens do mercado global. E, como tais, também se tornam fetiches que se desejam e se veneram, que se podem comprar e vender, repentinamente valorizados quando irrompem como novidades cintilantes e depois descartados porque se tornaram obsoletos, passados de moda, out. Por isso, a ansiedade

⁵⁷ SIBILIA, Texto apresentado em exame de qualificação na ECO-UFRJ

chega aos limites da exasperação: devem ser renovados constantemente⁵⁸.

Ser diferente é percebido como um dever e, através da espetacularização da vida pessoal, esta tarefa se faz possível. Nas palavras de Lipovetsky (1989), “é preciso ser como os outros e não inteiramente como eles, é preciso seguir a corrente e significar um gosto particular”⁵⁹. É uma conjugação entre o mimetismo global que impõe a reprodução de padrões de conduta e o individualismo através dos detalhes. Ter um diário virtual é a manifestação do mimetismo, da moda vigente no momento, dar uma característica única ao seu diário, torná-lo diferente entre tantos outros é uma finalidade.

O blogueiro acredita que está diferença é a expressão de sua personalidade. E o que garante seu espaço no espetáculo das intimidades é exatamente sua “personalidade”.

Nem melhor, nem pior, apenas diferente.⁶⁰

A idéia de intimidade encontra no contemporâneo sentidos e definições inteiramente originais. O íntimo não é mais o recôndito, mas “ao contrário, essa esfera “íntima” se converte em um palco onde cada um pode (e deve) encenar o show de sua própria personalidade”⁶¹. Diferentemente da Modernidade onde a valorização da intimidade implicava em preservá-la, em protegê-la da curiosidade pública, na Pós-modernidade a

⁵⁸ ibid.

⁵⁹ LIPOVETISKY, 1989 P. 44

⁶⁰ Frase introdutória retirada de um blog.

⁶¹ SIBILIA, Texto apresentado em exame de qualificação na ECO-UFRJ

exposição dessa intimidade e o quanto a mesma atrai o interesse do outro é a medida de valor. Isso não significa que a intimidade passou a ser de domínio público, ela continua sendo considerada privada, mas com a permissão do conhecimento público.

O desenvolvimento tecnológico contribui para essa lógica da visibilidade. Atualmente é simples, barato e acessível à maioria das pessoas os recursos para gravar, fotografar e divulgar fragmentos de sua vida. “De *Prozac* a *weblogs* e *reality shows*, tais dispositivos constituem uma subjetividade tecnicamente assistida, lançada na extremidade da ação, na superficialidade da performance”⁶². Os recursos produzidos hoje têm a função de permitir o autocontrole e autoprodução. Atendem às demandas sociais individualizantes onde cada um é responsável pelo que é e por suas ações. São tecnologias de manipulação do corpo, medicamentos que alteram o psiquismo e transformam a imagem.

O individualismo no contemporâneo é expresso através da preocupação exacerbada com a estética corporal e com o próprio psiquismo que deve ser levado ao conhecimento público para reconhecimento. É uma visibilidade que busca mais que o externo, que o corpo, busca tornar público o interior. Tal fato fica bastante claro nos discursos de participantes dos *reality shows* quando descrevem como objetivo principal mostrar quem são.

Essas vidas passam a ser estampadas numa superfície lisa, como nos *fotologs* onde as imagens divulgadas não convidam ao aprofundamento. São imagens chapadas na tela que nada querem dizer, são recortes de uma vida que busca se espetacularizar. Essa luta por tornar-se celebridade faz com que os modos de existir tornem-se também estereotipados, como se o tempo todo representassem personagens sob os holofotes do espetáculo.

O recorte que segue abaixo é o *post* de um *fotolog* apresentado aqui na tentativa de mostrar a superficialidade das fotografias divulgadas. O foco principal é o “eu” e suas manifestações na aparência. Nada é dito sobre as impressões da autora nem é motivado

⁶² BRUNO, disponível em www.comunica.unisinos.br/tics/?page=textos2004

nenhum questionamento ou pensamento. É uma montagem de fotos pessoais, que não se diferem significativamente, com a intenção de mostrar uma mudança no visual da autora acompanhada por um detalhamento do cotidiano sem objetivo aparente a não ser o de se dar a conhecer.



[Email this photo](#) | [Permalink to this photo](#)

04/08/06

só pq eu falei q tava brankela !!!
 fui hoje à praia, quis pegar "uma corzinha" e naum passei protetor...
 Fiquei na praia de 9:30 as 11:30
 foi o suficiente p ficar toda vermelha e ardendo !
 eu estava mesmo muito branca....
 foto de agora
 08/04, sábado, 20h, acabei de chegar lá do canal...
 tava legal o evento lá
 amanhã eu conto mais coisas...

A procura incessante por visibilidade pode ser pensada como um modo de lidar com a solidão desse momento onde todos queixam-se das relações descartáveis e da falta de tempo. Os personagens de *blogs* ou *fotologs* nunca estão sozinhos, há sempre a garantia do olhar do outro como companhia. É o fato de alguém observar que dá realidade ao vivido.

É possível, então, que a ambição de fazer do próprio **eu** um **show** não seja mais do que uma tentativa de satisfazer um velho desejo humano, demasiadamente humano: afugentar os fantasmas da solidão. Uma meta especialmente complicada em uma sociedade como a nossa, atomizada pelo individualismo mais feroz de que se tenha notícia, que contribuiu para cortar todos os laços sociais capazes de ultrapassar as “tirantias da intimidade” e de enxergar, no horizonte, algum projeto coletivo – uma transcendência, um futuro diferente, algo que se projete para além das mesquinhas contrições do eu presente; talvez, enfim (por quê não?), até mesmo uma obra⁶³.

Parece que a sociabilidade desenvolvida nos diários virtuais afugenta a solidão do cotidiano. Saber que outros vivem a mesma vida sem grandes aventuras ou atos heróicos dá tranquilidade, e o olhar do outro, o interesse sobre a sua intimidade, confere autenticidade e sentido a própria vida.

Certamente o que conhecemos como intimidade hoje não é a intimidade Moderna, na qual o sentido, a autenticidade, estavam no oculto, no que não pode ser revelado. Mas nem por isso devemos afirmar que não há mais intimidade. O que observamos é uma outra forma de intimidade que depende do olhar do outro para alcançar sentido. Resta saber de que modo essa intimidade “visível” é produzida a partir dos blogs e dos flogs.

⁶³ *ibid.*

CAPÍTULO III – DIÁRIO ÍNTIMO NA INTERNET: O *BLOG* E O *FLOG*

Quanto mais o homem fala de si mais deixa de ser ele mesmo. Mas deixe que se esconda por trás de uma máscara e então ele contará a verdade.

Oscar Wilde

O hábito de escrever sobre si mesmo, sobre memórias, sentimentos e pensamentos pode ser datado juntamente com o surgimento da escrita. Desde a Idade Média, a partir da difusão da correspondência, estas eram usadas para contar intimidades. Acompanhando Foucault (1992), esta prática será chamada de escrita de si englobando o registro de movimentos interiores, pensamentos, desejos e ações daquele que escreve. Estes relatos não são necessariamente declarados como pessoais, mas de maneira disfarçada, nas entrelinhas ou em histórias fictícias se forem utilizados para expressar sentimentos e pensamentos são tratados como escrita de si. Segundo os relatos surgidos nas entrevistas o blog pode ser considerado como uma das mais freqüentes manifestações da escrita de si no contemporâneo.

Eu tento falar de tudo, mas como blog é de fato algo pessoal, eu falo bastante de mim. Às vezes com ironia, mentido para fazer uma piada, e às vezes fazendo piadas com coisas que acontecem de verdade. Às vezes só contando alguma história que aconteceu comigo.. mas de forma interessante, para que a pessoa aprecie a leitura. Independente de me conhecer ou não (sic).

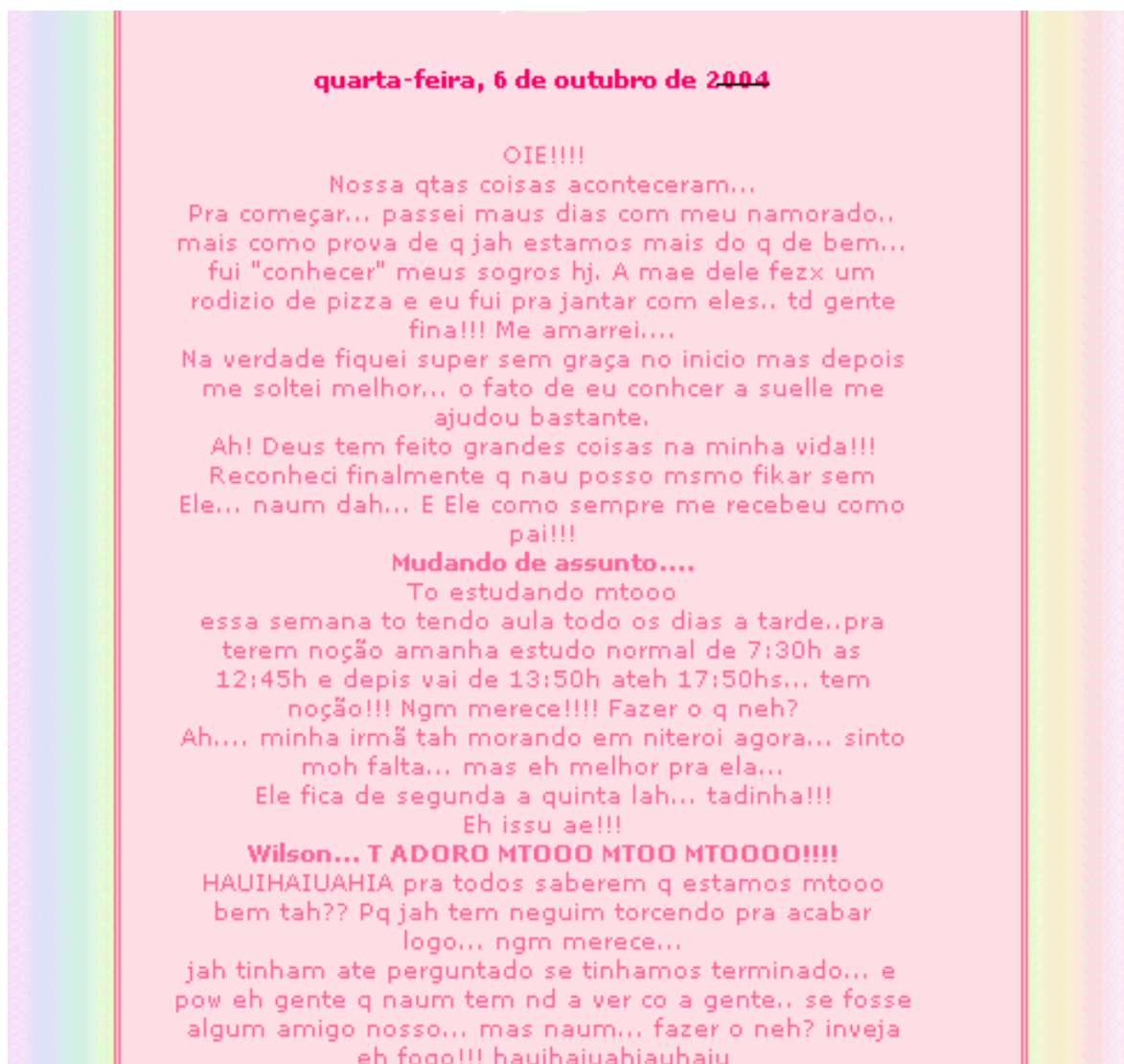
Para o filósofo francês, a escrita de si tem uma relação de complementaridade onde atenua o sentimento de solidão e permite dar o que se viu ou pensou a outro olhar.

O diário íntimo é a mais clara apresentação da escrita de si. Durante muito tempo foi visto como forma de auto-conhecimento e espaço para expressar os conteúdos mais íntimos.

Difundido a partir da segunda metade do século XVII na França e Inglaterra e perdurando até os dias atuais, o diário perdeu sua característica mais marcante: o sigilo. Observamos um número crescente de diários íntimos publicados na internet que, apesar de conservarem algumas características dos antigos exemplares, ficam disponíveis para quem quiser acessá-los. Ao contrário dos antigos diaristas, o autor de um diário virtual, não demonstra constrangimento com a exposição pessoal. Conta seu cotidiano e intimidade em relatos breves, complementados com letras de música e poesias, dando a impressão de um desabafo.

A escrita de si pode ter como objetivo o consumo do próprio autor, de pessoas íntimas, ou do público em geral o que influenciará o nível de exposição pessoal e o tipo de escrita. No diário virtual encontramos um gênero híbrido dessa prática com características de diário íntimo, comunicação pessoal e com objetivo de publicação. Muitas das vezes aparecem recados destinados a alguém específico como em uma correspondência ou o autor escreve como se estivesse escrevendo para si mesmo, como num diálogo interno.

O *post* abaixo retirado de um blog acompanhado durante a pesquisa evidencia essa coexistência de objetivos. A autora relata para o leitor os acontecimentos recentes, deixa um recado específico para o namorado e outro indiretamente endereçado ao mesmo tempo em que parece desabafar suas inquietações.



O *blog* surgiu em 99, criado por Evan Willians e outros colaboradores da empresa Pyra Labs em São Francisco, EUA sendo conhecido pelos brasileiros em 2000⁶⁴. Este termo é uma abreviação de *weblog* que é a junção de *web* (teia) e *log* (diário). Mais tarde surgiram os fotologs que têm as mesmas características do blog só que com ênfase na publicação de fotos. São páginas na internet compostas de pequenos parágrafos, organizados cronologicamente e atualizadas com frequência. Apresentam no topo uma frase escolhida

⁶⁴ Revista Veja Edição Especial Jovens ano 37 junho de 2004.

pelo autor e são ilustrados com desenhos, letras de músicas, fotos e poesias. No caso do *flog*, necessariamente deve ser colocada uma foto a cada atualização e esta vem acompanhada por uma descrição da situação, comentários sobre as pessoas que estão na foto e, normalmente, seguida pelo relato do estado emocional no momento e das atividades do dia. Não é necessário conhecimento apurado de informática para criar um *blog* ou *fotolog*. A ferramenta é simples e permite que qualquer usuário possa criar o seu sem auxílio especializado.

Acontece a interação com leitores através de um espaço para comentários sobre os *posts* onde estes deixam recados para o autor, falam sobre o que gostaram ou não no *blog* e sobre o próprio autor. A interação se dá também através de *links* que aparecem na lateral da tela e conduzem as páginas visitadas pelo autor construindo uma rede. A assinatura do leitor que comenta também é um *link* para o próprio diário.

Podemos aplicar aqui a metáfora do hipertexto sugerida por Lévy (1993) na qual o texto é formado por diversos nós e constantemente transformado por quem o acessa tanto através de novas informações inseridas quanto no percurso escolhido. No hipertexto todo elemento pode ser uma ligação com outra página, palavras, gráficos, ícones, tudo pode levar a outro lugar na rede e cada lugar passa a ser o ponto principal no momento não tendo uma centralidade única. O *blog* oferece essa infinidade de caminhos. Cada *post* novo, ou comentário modifica o texto. Cada leitor pode seguir um caminho diferente partindo da mesma página, pode acessar outro *blog* através de um comentário ou de *links* deixados pelo autor e dentro do mesmo diário escolher os trechos que deseja ler ou acessar outras páginas do autor e, até mesmo, seu perfil no *Orkut*.

No capítulo I foram apresentados dois caminhos possíveis para as novas tecnologias: o fortalecimento da tendência homogeneizante da cultura global ou o espaço para singularização e criação de novos mundos. O diário virtual é uma ferramenta que

possibilita estes dois rumos. Embora nesta pesquisa tenha sido observada a repetição de padrões estereotipados, o diário virtual abre incontáveis possibilidades.

Até o momento esta ferramenta parece estar sendo usada pela maioria dos habitantes do universo blogueiro para a repetição de um modismo, mas sabemos que alguns utilizam os recursos disponíveis nestas páginas na tentativa de mobilizar pessoas para uma causa ou de divulgar informações por um meio sem censura e de largo alcance. As reflexões baseadas nos dados colhidos são referentes a este momento específico e não pretendem limitar o *blog* ao seu formato na atualidade.

Essa configuração atual do diário íntimo parece fazer parte do movimento de busca por visibilidade no espaço público e manifesta outras atitudes típicas do contemporâneo como o consumo de imagens e identidades, a sede pela intimidade de celebridades ou pessoas comuns, o culto ao individualismo, a velocidade, o sentimento de solidão e a supervalorização do presente.

Seria um exibicionismo? Não, provavelmente é mais um fruto do desenvolvimento do individualismo. Um individualismo quase narcísico que faz com que o diarista pense no outro como uma platéia para sua vida. Na maior parte das vezes, a ilusão de se dirigir ao outro é apenas um pretexto para falar apenas de si. Em alguns casos, numa relação paradoxal com o público em que o conflito interno entre o querer/não querer ser visto se torna aparente⁶⁵.

⁶⁵ SCHITTINE, 2004. P.66

Embora seja o mais freqüente, essa ferramenta não tem seu uso limitado a escrita de diários íntimos. Encontramos blogs com o objetivo de auxiliar na educação em graduação e pós, espaço para jornalismo sem censura, meio para propaganda e pesquisa, desenvolvimento de experiência literária ou para manter amigos e familiares em contato quando estão distantes.

Certamente, se o meio mais popular de escrever um *blog* ou *flog* é para a divulgação da vida íntima do autor, devemos questionar o funcionamento da sociedade atual na busca de compreender a questão. Se as pessoas dedicam seu tempo tão valorizado nos dias de hoje, às vezes tumultuado, para ler sobre o cotidiano e intimidade de pessoas comuns ou para descrever o próprio, é porque de alguma maneira esta atividade é valorizada ou atende as demandas do momento. Este capítulo apresenta algumas questões que surgiram durante as pesquisas pela internet ou nas entrevistas e busca compreendê-las através de uma análise do contemporâneo.

A internet abre, para o diarista, a possibilidade de ser lido sem que, no entanto, ele precise desenvolver relações face a face com os seus leitores. O segundo motivo seria a existência de ‘leitores desconhecidos’ que, de acordo com os anseios do diarista, se interessam pelos seus assuntos pessoais. É um público novo, interessado em consumir a intimidade alheia e, de certa forma, descobrir o quanto ela se aproxima da sua intimidade⁶⁶.

Essa pesquisa teve como objetivo conhecer o universo “blogueiro”, ou blogosfera como é chamado por Amarante (2005), na tentativa de entender as modificações ocorridas na

⁶⁶ *ibid.* P14

noção de intimidade no contemporâneo. Investigou as motivações existentes para a criação dessas páginas e quais as interferências nas subjetividades que estão surgindo. Não tem a pretensão de emitir nenhum julgamento de valor, nem afirmar se esse fenômeno é positivo ou negativo. É somente uma constatação de que a relação com questões íntimas, antes com espaços tão bem demarcados de exposição está mudando e, através do estudo, pensar os possíveis rumos dessa transformação. Para tal, foi realizada revisão bibliográfica de autores que pesquisam o contemporâneo, e ouvidos personagens dessa mudança através de entrevistas presenciais ou mediadas por computador junto ao acompanhamento de discussões em comunidades de blogueiros no Orkut.

Foram entrevistados jovens entre 15 e 20 anos escolhidos de maneira aleatória, todos autores de blogs ou flogs. Dessas entrevistas 4 foram realizadas presencialmente, gravadas em fitas K7 e depois transcritas e 6 foram feitas utilizando um programa de comunicação instantânea pela internet - *MSN*. Alguns entrevistados eram conhecidos, outros indicados por um já entrevistado, ou desconhecidos que encontrei em comunidades do *Orkut*. Dos convidados para participar da pesquisa apenas um se recusou. Todos os outros foram muito solícitos e mostraram-se interessados em conversar sobre o assunto. Essa característica de querer trocar informações, conversar com pessoas diferentes, parece muito frequente entre os internautas. Alguns dos participantes da pesquisa procuram manter o contato através do *MSN* e do *Orkut*.

Nove dos entrevistados estão cursando o ensino médio e um está no primeiro ano da Faculdade de História. Entre eles 4 são de Petrópolis – R.J., 1 de Bom Jesus do Norte – E.S., 2 da cidade do Rio de Janeiro, 2 da cidade de São Paulo e 1 da cidade de Santa Catarina.

A seguir apresentarei uma análise do material pesquisado onde procurei agrupar algumas perguntas utilizadas no questionário em tópicos ilustrados com o discurso dos entrevistados.

III.1 – O QUE É UM *BLOG* SEGUNDO SEUS AUTORES

Não foram realizadas análises diferentes, de acordo com o tipo de página do entrevistado, pois o *blog* e o *flog* parecem ocupar o mesmo espaço nas vidas de seus autores. Não encontrei diferenças consideráveis entre os discursos daqueles que são autores apenas de um tipo de página. Continuam visitando e comentando os dois tipos. Portanto os relatos transcritos não estão separados pelo formato da página e quando se lê *blog* estou fazendo referências também ao *flog*.

Com perguntas sobre como conheceram o *blog*, o que os motivou construí-lo ou para que servem tais páginas, tentei entender o espaço que o blog ocupa na vida do autor e de que maneira esta prática se tornou relevante. As respostas que coletei para a pergunta sobre se o *blog* funciona como um diário, levaram a conclusão de que tais páginas são de fato diários íntimos. Isso porque mesmo aqueles que negam tal semelhança ao descrever o que é seu *blog* mostram características claras de um diário íntimo. Um exemplo é o relato abaixo do entrevistado negando a exposição de sentimentos – o desabafo - mas afirmando a descrição do cotidiano como uma necessidade para o sucesso do *blog*:

EU não encaro meu blog como um diário, pois seria limitá-lo demais. Blog é interação, reflexão, cultura, futilidade e claro muuuuuuito cotidiano porque, no fundo, é disso que o povo gosta! Mas nada de desabafos, ninguém é obrigado a agüentar desabafos dos outros!(sic);

Ele coloca como diferença fundamental a possibilidade de interação permitida pelo *blog* e a importância da opinião de quem lê, de escrever aquilo que atrai leitores, certamente esta é sim uma característica marcante nesta configuração do diário, mas nada é comentado sobre o fato da intimidade ser revelada para o público em geral.

O diário virtual é regido pela lógica da visibilidade que, no contemporâneo, aparece de inúmeras maneiras: nos programas de entrevistas, *reality shows*, supervalorização da aparência e, mais explicitamente no *blog*. O objetivo final do *blog* é se fazer visível, como se o fato de ser visto afirmasse a existência de seu autor. É o olhar do outro que dá sentido à existência e a busca por conhecer a intimidade alheia é também a busca de um referencial de identidade, um exemplo a seguir. Através da troca de intimidade é possível estabelecer relações que aliviam o sentimento de solidão tão presente nesses discursos.

A maioria dos entrevistados os descrevem como um local para falar de si, desabafar, expressar sentimentos e pensamentos. Alguns chegam a chamar de terapia.

Meu blog sou eu de cara, corpo e coração!
Lugar onde eu desabafo, critico, resmungo, relaxo, suspiro,
enfim... lá tem de tudo um pouco, menos palavras escritas
axim ó! (sic).

Parece que está muito difícil falar de si pessoalmente, ou porque não se tem com quem falar ou porque não se tem coragem de falar, o computador impõe uma distância que torna a

tarefa de se deixar conhecer mais fácil. Alguns entrevistados se queixaram da solidão, de não ter com quem conversar ou de não ter por perto quem esteja disposto a ouvi-los, ou de sentir necessidade de falar e não conseguir contar determinados assuntos. O *blog* permite expressar o que quiser e, mesmo sabendo que outros terão acesso, como não há presença física e a possível repreensão vem em outro momento, essa tarefa torna-se mais fácil. Nos comentários podem surgir julgamentos, mas estes além de não exigirem resposta, podem ser deletados. É uma intimidade que se expõe ao olhar do outro, ao comentário, a crítica, mas que permite apagar as marcas desse olhar sem deixar vestígios. Mesmo o que foi escrito pelo autor do *blog* pode ser apagado. É um diário passível de alterações. O que está escrito não é definitivo e quando o diarista entende que se expôs em demasia cancela aquele endereço e cria um novo diário com outras características.

Pra mim é importante porque...é como se fosse alguém me ouvindo como se fosse alguém me entendendo e consolando e não me julgando como as vezes acontece quando a gente conversa com algumas pessoas acaba sendo um lugar pra enxugar minhas lágrimas ou pra rir das coisas boas sem me importar com opiniões não naquela hora... (sic)

Uma das entrevistadas expõe a mesma questão de outro ângulo: conta ter passado por situações muito tristes e, apesar de querer contar para as pessoas o que acontecia, era muito doloroso. Somente através de seu *flog* foi possível expressar suas emoções e contar os acontecimentos. Recebeu retorno de pessoas que relataram passar por situações parecidas, o que diminuiu o sentimento de solidão, e incentivo de outros leitores que acompanharam os fatos pelo *flog* e deixaram comentários consolando. Com estes comentários diz sentir que dividia seus sentimentos e recebia ajuda de seus leitores.

Olha, ajuda sim! pelo menos a mim, sim! querendo ou não, é um "descarrego" é onde falo sobre o que sinto das coisas que acontecem comigo as pessoas acabam me ajudando também com os comentários acaba sendo uma troca.

Outros buscam uma maneira de ocupar o tempo ou de se distrair. Frequentemente surgiram respostas que indicaram que o jovem se sente entediado, tendo necessidade de ocupar o tempo livre. A opção por preencher este espaço com um *blog* ou *flog* parece ser baseada na necessidade de acompanhar um modismo.

A falta do que fazer. Acabei a faculdade ano passado, ou seja, sou o mais novo desempregado com nível superior do país. Portanto percebi que agora teria bastante tempo livre para me dedicar a um blog e resolvi criar o meu. (sic)

Ainda acerca do tempo, algumas respostas apontaram para a necessidade de ocupar o tempo a fim da reflexão, o aprofundamento em suas próprias questões ou a percepção de que algo não está bom. O que se verifica de fato não é o aprofundamento, mas uma espécie de anestesiamento. O diarista se ocupa com as banalidades de seu cotidiano, com o relato de suas emoções, não deixando que o tempo livre o induza a olhar para si, a questionar a própria existência. Permite esquecer o real através de projeções e identificações.

Porque eu me distraio. Porque quando eu tô pensando em alguma coisa ruim eu entro lá e eu já começo a pensar nele, só nele. E eu fico muito compenetrada no meu flog (sic).

A maioria dos entrevistados conheceu o *blog* e o *flog* através de amigos e foi em função disso que fizeram também os seus *blogs* e *flogs*. Apenas um dos entrevistados conheceu o *blog* através de uma reportagem sobre o assunto. Junto com o hábito de *postar*, criaram o hábito de comentar outros *blogs* e *flogs* que, conheceram através de *links* nas páginas dos amigos. Parece que ter um diário virtual é um modismo, um comportamento a ser imitado. Está de acordo com o tripé proposto por Lipovetsky (1989) no qual a sedução, o efêmero e a diferenciação marginal devem estar presente para que algo torne-se moda. Nas palavras do autor: “o que seduz é entrar em relação permanecendo livre e anônimo, fazer troca rapidamente e sem cerimonial com desconhecidos, multiplicar e renovar freqüentemente os contatos, comunicar por intermédio de tecnologia”.⁶⁷ Tudo de maneira instantânea e orientada para a novidade.

Estão constantemente buscando novas páginas para visitar e, em geral, o que chama mais atenção quando visitam um *blog* ou *flog* pela primeira vez é o visual. Caso se interessem por alguma página, colocam seu endereço nos endereços favoritos e sempre que o autor faz alguma modificação fica avisado na tela. É uma busca constante por novos diários para visitar e novos contatos para estabelecer. Como em outras esferas da vida contemporânea, entre os blogueiros o novo também é o mais valorizado.

Mesmo não sendo este o objetivo principal do diário virtual, é interessante pensar como o surgimento dessas páginas *web* estimulou o hábito da leitura e da escrita, mesmo que

⁶⁷ LIPOVETSKY, 1989 p. 284

de maneira não convencional, entre jovens. No entanto, segundo os autores, teclar é bem diferente de escrever, consideram muito mais rápido, prático e bonito:

Você pode simplificar, você pode, você pode fazer tudo. Você pode escrever errado e ninguém te corrige ali sabe, não é obrigatório escrever tudo perfeito. É diferente, bem diferente. Bem melhor (sic).

Neologismos são criados e incorporados com extrema velocidade e outras formas de escrita estão surgindo. A informática trouxe mudanças significativas que vão além do aprendizado de uma nova tecnologia. Além das abreviações ou das sílabas substituídas por letras de fonema correspondente, palavras como deletar passaram a fazer parte do vocabulário dos usuários de computadores e invadiram a escrita convencional. O computador passou a ser indispensável para escrever um texto, como se as idéias não mais soubessem fluir escritas no papel. Seguindo Haraway (2000), não fica claro quem fez e quem é feito na relação do homem com a tecnologia, tudo está conectado, “as máquinas podem ser dispositivos protéticos, componentes íntimos, amigáveis eus”.⁶⁸ A informática e os saberes advindos desta foram incorporados e fazem parte de seus usuários.

Atualizar diariamente o *blog* ou *flog* depende do tipo de acesso do jovem à internet. Àqueles que utilizam provedores do tipo banda larga fazem atualizações todos os dias. Já os que utilizam a linha telefônica para o acesso só podem usar a internet nos finais de semana ou feriados, devido à cobrança de apenas um pulso nestas datas. No entanto, afirmam que caso pudessem, as atualizações seriam diárias e que sempre que acessam a internet visitam suas

⁶⁸ HARAWAY 2000 p. 101

páginas para *postar* ou procurar novos comentários. Mesmo quando não estão conectados à Internet pensam em seus *blogs* e preparam textos para *postar*.

O computador, mesmo sem o acesso à internet, é usado todos os dias. Serve para ouvir músicas e assistir filmes que encontraram na internet, escrever, fazer montagens com fotografias e jogar. Embora afirmem que o melhor é navegar na internet e, principalmente, conversar no *MSN* ou em *salas de bate-papo*. Mesmo quando não está sendo usado, segundo a maioria dos entrevistados, o computador permanece ligado e conectado ao *MSN* com um aviso de ausente.

Cada um tem seu estilo próprio: alguns adoram colocar ídolos ou personagens, deixar tudo colorido, escrever de forma diferente. Outros acham esta prática uma valorização do modismo e a abominam. As mudanças no visual também não têm regras. Enquanto uns modificam tudo constantemente, outros encontram algo que consideram “sua cara” e o mantêm sem modificações. Mas todos concordam que a aparência do *blog* é fundamental para atrair visitantes e distinguir sua página das demais. “Se o fenômeno se manifesta entre os jovens é porque nessa idade os gostos e as preferências estéticas são os meios principais de afirmação da personalidade”.⁶⁹ E é exatamente esta afirmação que o jovem busca no diário virtual.

E sou rebelde quando me jogo sem pensar.

70

Como já dito, nos discursos apareceram queixas de solidão, chateação, falta de alguém para conversar. O *blog* ou o *flog* pode ocupar este vazio, alguns o chamam mesmo de terapêutico.

⁶⁹ LIPOVETSKY, 1989 p. 219

⁷⁰ Frase introdutória de um blog.

No meu blog eu conto TUDO! Meus pensamentos mais íntimos e coisas do passado que antes de eu colocar no eu blog até meus amigos mais íntimos não sabiam. É uma espécie de terapia (sic).

Os *blogs* são vistos como substitutos de alguém para conversar ou como um meio de ocupar o tempo e abafar a solidão.

Meu blog é parte das coisas que sinto, mas não saio por aí falando! Ou, porque as pessoas não tem tempo pra ouvir ou porque eu não tenho tempo para falar... Eu quero mais tempo! (sic).

Na internet encontram pessoas dispostas a conversar e aumentam o grupo de amigos, tanto através de pessoas que comentaram suas páginas quanto nas salas de bate-papo ou *Orkut*. Tal fato não significa que anulem o encontro físico, pelo contrário, este é valorizado. Procuram conhecer pessoas próximas dos locais onde moram para poder encontrá-las. No entanto, a busca incessante por novas amizades deixa que as outras se enfraqueçam. Na mesma lógica de presentificação que ocupa o contemporâneo, os laços do passado são substituídos pelos mais recentes.

Podemos observar este fato também nas comunidades do *Orkut*, logo que são criadas têm alguns tópicos para discussão abertos e cada vez mais membros que conforme vão aderindo à outras comunidades tendem a abandonar as mais antigas, como se estas já não

tivessem mais nada de interessante. Provavelmente esta busca pelo novo, que é essencialmente provisório, aumente o sentimento de solidão e insegurança.

III.2 – A EXPOSIÇÃO DA INTIMIDADE

Os participantes da pesquisa demonstram que não têm interesse em manter em sigilo suas identidades. Usam seus nomes verdadeiros, colocam fotografias suas e escrevem um pequeno texto com uma descrição pessoal. Eles consideram o blog um local que permite que as pessoas o conheçam:

Bom, até que é legal porque eu acho que são coisas, bom pelo menos as minhas coisas, são coisas legais. Meus sentimentos, meus pensamentos são coisas legais. Eu gosto de passar para as pessoas aquilo que eu penso, sabe. Quem entra no meu flog dá para me conhecer bastante. Eu não guardo nada. Quer dizer, tem coisas que a gente tem que guardar, mas aquilo que eu vejo que é possível eu vou e coloco lá. Quem acessa o meu flog me conhece de verdade (sic).

Afirmam filtrar o que escrevem no blog reservando o que acham mais íntimo ou comentários referentes a outras pessoas que podem não aprovar a exposição ou ficarem ofendidas: “Nem pensar... o blog é um e-mail coletivo. Se vc não conta suas intimidades pra TODOS os seus amigos e conhecidos não vai contar pra estranhos, né??” (sic). Parece que esta exposição pessoal fica limitada à banalidades, à questões íntimas superficiais e ao relato do cotidiano. Aquilo que de fato é entendido como íntimo e importante não é revelado, permanece em segredo. Os aspectos da personalidade que podem não ser bem aceitos, as opiniões das quais não estão seguros ou seus maiores conflitos permanecem guardados mesmo pelos diaristas que afirmam escrever “tudo” sobre si mesmos.

Mas todos concordam que, de alguma maneira, falam de si, expõem o que consideram íntimo. Dando opiniões sobre alguns assuntos, ou mesmo utilizando como intermediários músicas ou poesias. Estas são recursos para falar de si sem que o outro possa entender de forma clara, ou enviar mensagens que somente a pessoa a qual se destina poderá compreender. A distância imposta pelo computador parece dar segurança para se expressar e “escutar” o que os outros têm a dizer com uma certa proteção. Esse recurso é muito utilizado pelos blogueiros e, segundo estes, permite que somente algumas pessoas compreendam o que querem dizer.

Alguns dos entrevistados relataram começar a filtrar mais o que colocar depois de terem problemas por escrever sobre outras pessoas que não gostaram do que foi escrito, ou por contarem coisas muito particulares e receberem críticas desagradáveis. Todos os entrevistados relatam casos de pessoas ofendendo o autor nos comentários. Alguns passaram por esta experiência e outros viram amigos passar. Parece uma prática comum escrever xingamentos nas páginas daqueles de quem não gostam.

Eu tenho o ímpeto de escrever qualquer coisa que vem à mente. Mas ao longo do tempo percebi o quanto isso pode me prejudicar fora da net (já me deu muito problema quando pessoas leram o que eu escrevi sobre elas... coisas não muito agradáveis que saíram em momentos de raiva), e hoje eu me seguro um pouco. De qualquer forma, se hoje eu não escrevo tudo que sinto, eu posso dizer que eu sinto tudo que escrevo :^P (sic).

Nesse relato percebemos como a prática de escrever um diário íntimo produz efeitos sobre aquele que escreve. As experiências vividas a partir dessa escrita são capazes de transformar, de modificar a forma como se percebe e lida com seus sentimentos. Parece que a própria visibilidade impulsiona a produção da intimidade na medida em que o ato de escrever produz o sentir. Trata-se de uma outra forma de intimidade mediada por um objeto técnico, nesse caso o diário virtual. Aqui a intimidade é fundamental para que haja a interação, a formação de laços. É ao redor da troca de confidências que a relação se estabelece. Mas são confidências visíveis, legíveis na tela do computador por qualquer leitor.

Retomando a concepção ontogenética da técnica descrita no capítulo 1, as ferramentas que possibilitam a criação de um diário virtual têm seu uso de acordo com os interesses daquele que as detém e o mesmo opera na pessoa produzindo mudanças. Novas possibilidades de viver a intimidade surgiram. De que outra forma seria possível para qualquer um alcançar visibilidade? Os meios de comunicação em geral são restritos as celebridades ou poucos personagens de programas de entrevistas ou *reality shows*. A internet, auxiliada pelo desenvolvimento de tecnologias que simplificaram a construção de *sites*, permitiu que esse desejo fosse realizado. Tornou-se um canal para que quem se interessar possa divulgar a sua ou conhecer a intimidade de outros.

Não seria possível compreender o mundo atual sem pensar na informática. A globalização, o acesso direto à informação, o conhecimento compartilhado, a velocidade e as possibilidades de operações permitidas pelo desenvolvimento da informática são parte do

contemporâneo. Essa geração vive em um mundo de aproximação e velocidade nunca antes imaginado. Certamente, pensar as subjetividades contemporâneas é também pensar em tecnologia tanto no direcionamento das descobertas e pesquisas quanto nas conseqüências subjetivas. A tecnologia opera no ser humano produzindo mudanças, mas também é construída por ele. A princípio, não se poderia imaginar os rumos que a internet iria tomar. Não foi pensada para divulgar vidas particulares. Mas foi a partir desse uso que ferramentas como o *blog*, o *fotolog* e a divulgação de imagens privadas por *webcam* foram se desenvolvendo e ganhando espaço. Sem a intenção de uma relação causa-efeito, mas pensando o quanto tudo está imbricado, esses *sites* trouxeram mudanças drásticas no que entendemos por intimidade hoje e na maneira como as pessoas se percebem e dão significados a seus mundos. Ganharam um espaço, principalmente entre os brasileiros, não pensado sequer por seus criadores.

III.3 – A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Alguns dos entrevistados justificaram sua curiosidade por conhecer a vida íntima de outras pessoas comuns como uma forma de descobrir se a própria vida é “normal”. Uma busca pelo que Rolnik (1997) chamou de identidades *prêt-à-porter*, uma identidade pronta para usar, você escolhe a sua e assume o papel. A identidade não é mais definida pela origem da pessoa ou por pertencer a alguma instituição, ela é constantemente construída:

As “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação as últimas (...) a “identidade” só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, “um objetivo”, como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta⁷¹.

No blog o jovem busca uma identidade pronta, uma forma de viver, acredita que conhecendo o cotidiano, pensamentos e sentimentos do outro pode ter uma referência para avaliar suas próprias atitudes. Segue uma lógica da moda, do que Lipovetsky (1989) chamou de mimetismo. Inúmeros são os modos de viver para ser escolhidos, todos permeados por diferenças sutis, pequenos detalhes que dão a ilusão de individualização e um destes deve ser adotado e reproduzido. “A cultura de massa não trabalha senão para produzir uma pseudo-individualidade, torna fictícia uma parte da vida de seus consumidores”.⁷² Essas máscaras utilizadas como identidades são reproduzidas com pequenas diferenças que fazem a pessoa acreditar em sua originalidade.

Eu gosto muito de ler o que as pessoas fazem no dia-a-dia. Sou muito curiosa para essas coisas, saber o que as outras pessoas fazem. Se eu tô errada, se tem alguma coisa que eu faço que ninguém faz (risos). Não é que eu me vejo errada assim com algumas coisas, só que o dia-a-dia da pessoa é diferente, ela faz algumas coisas que sei lá, tem algumas coisas que dá para ver que é bem diferente tipo... ah, sobre o que eu faço, algo espontâneo que ninguém faz. De vez em quando tem coisas que eu coloco no flog e olho nos outros

⁷¹ BAUMAN, 2005. P.19-21

⁷² LIPOVETSKY, 1989 P.222

flogs e ninguém tem sabe. Às vezes eu acho bom. Às vezes eu acho: “Ah, meu Deus, tô meio fora do padrão”, sabe. (sic).

Podemos pensar que o blog é uma forma de produção de identidades semelhante aos programas de TV e reportagens sobre a vida particular, *reality shows* e programas de entrevistas que expõem problemas privados. Vale, no entanto, lembrar que “as identidades” divulgadas pela mídia estão permeadas de atrativos para consumidores e os blogs para visitantes. Devemos lembrar que estamos imersos em uma cultura da superfície e por isto a aparência, o espetacular é tão atrativo.

Num mundo onde se pode viver apenas de seu “potencial”, não existem soluções coletivas, e por isso a busca de exemplos que possam servir de parâmetros é tão importante. Com efeito, isto ajuda a seguir pensando que não está sozinho e se os outros, tão anônimos quanto qualquer um de nós, encontram soluções satisfatórias para sua vida, então o que impediria que o mesmo venha a acontecer com todas as pessoas?⁷³.

Aparece a ambivalência de um desejo de pertencer a alguma comunidade como forma de segurança e, ao mesmo tempo, individualizar-se para ser livre. As tradicionais definições para a identidade como gênero, local de nascimento ou classe social são problematizadas no mundo contemporâneo. Busca-se novos grupos aos quais pertencer mais estes são, nas palavras de Bauman (2001), fluídos. São tantas as possibilidades oferecidas que estar fixo num modelo parece inaceitável “porque somos incessantemente forçados a torcer e moldar as

⁷³ AMARANTE, 2005. P.48

nossas identidades, sem ser permitido que nos fixemos a uma delas, mesmo querendo, que instrumentos eletrônicos para fazer exatamente isso nos são acessíveis e tendem a ser entusiasticamente adotados por milhões”⁷⁴. O *blog* pode ser entendido como um destes instrumentos tanto por ser um meio de divulgação dessas máscaras que são vestidas como identidades, quanto por ser um local para afirmação de uma identidade mutante, efêmera como tudo o mais no contemporâneo.

III.4 – Os comentários

Na verdade, o blogueiro busca ser aceito pelo Outro ou encontrar no outro um pouco de si mesmo. No fundo, a escrita íntima na internet é uma luta entre esses dois pontos: é importante que o que se escreve seja aceito pelo Outro, mas é melhor ainda quando o que se escreve corresponde em muitos aspectos ao que o Outro quer ler⁷⁵.

Os comentários são um ponto importante no “mundo blogueiro”. Funcionam como um termômetro que mede o quanto as pessoas são interessantes. Apesar de valorizarem consideravelmente o número de comentários, parece que o mais importante é que sejam de amigos ou conhecidos – aqui estão incluídos os “amigos virtuais” e que falem diretamente sobre o *post* ou sobre o autor. Isto garante que o conteúdo é interessante, que o autor realmente é lido por seu público. Em geral esperam que digam o que acham sobre ele, dêem conselhos sobre seus conflitos e ofereçam apoio. Com frequência aparecem críticas, estas são

⁷⁴ BAUMAN, 2005. P.97

⁷⁵ SCHITTINE, 2004. P. 223

bem-vindas quando o emissor é um amigo, mas não admitem que um desconhecido possa julgá-los.

Os mais cotados comentários tidos como indesejáveis são aqueles que não dizem nada sobre o autor ou sobre o *post* e utilizam o espaço para divulgar sua página. É importante que o comentário fale sobre o que está escrito para que o autor tenha certeza de que foi lido e de que não foi apenas uma gentileza ou retribuição. Mas alguns insistem nesta prática acreditando que com isso poderão conquistar novos leitores. “Se eu ver isso novamente, vou poder afirmar com certeza de que certas pessoas dariam um rim por esse tal maldito 'comentário'. Daqui uns dias as vítimas serão os '*scraps*'” (sic). Já a maioria acredita que os comentários atendendo a esse tipo de pedido não são tão sinceros quanto os espontâneos e que o fato de alguém comentar porque realmente achou interessante é o que importa.

Os comentários são também a porta de entrada para as amizades através do blog. Um comentário de um desconhecido faz com que o autor visite o blog deste como retribuição e, caso se identifique com o *site*, acaba por manter um diálogo através de comentários que brevemente se estende para e-mail ou comunicação instantânea, chegando até mesmo ao contato presencial. “Um comentário bem feito é o início de um diálogo interessante com aquele indivíduo que passou por ali, te faz querer visitar o blog daquele ser que passou por ali pra dizer que anda por aí pensando... acredito nisso” (sic). Está de acordo com a “netiqueta” que permeia as diferentes páginas na internet onde a retribuição e a troca são praticamente uma exigência.

Outro ponto importante é que o número de comentários considerado como uma avaliação pessoal, é um termômetro para a popularidade e diz se o jovem tem uma vida que vale a pena, que é capaz de atrair o olhar do outro. “Eu gosto, eu gosto de bastante comentários. Eu gosto de saber que as pessoas entram lá e que as pessoas gostam, saber o que

elas falam assim... Tipo, eu gosto de saber que as pessoas estão ali para ver sobre a minha vida” (sic).

SÃO BEM-VINDOS TAMBÉM COMENTÁRIOS QUE FALEM DIRETAMENTE SOBRE O AUTOR OU QUE LHE MANDEM MENSAGENS DE SAUDADES OU INCENTIVOS. “DOS AMIGOS, O DIA EM QUE VOCÊ ESTÁ CHATEADA ELES TE DÃO UMA PALAVRA DE APOIO E SE ESTÁ CONTENTE ESTÃO CONTIGO. E COMENTÁRIOS DE PESSOAS QUE ESTÃO TE CONHECENDO ASSIM... AÍ VOCÊ VAI CONVERSANDO COM AS PESSOAS E AS PESSOAS VÃO DIZENDO O QUE ACHAM DE VOCÊ” (SIC).

Abaixo o recorte de um comentário sobre a foto postada no flog de um dos participantes da pesquisa que manda um recado, fala sobre a autora, mas de fato não comenta sobre a foto. Esse é o tipo de comentário mais encontrado nos blogs e flogs.

Beijos fofa!
 Como sempre c ta bunita ateh rindu...
 maneira a montagenx... e to cum saudadix dakela menina sempre alegre e
 legal q vc sempre foi...
 Bjuxxxxx pra vc...tenho q passa aki + vezes ;/
 T+++++++...

SÃO OS COMENTÁRIOS QUE MOSTRAM O INTERESSE DO PÚBLICO PELA VIDA DO AUTOR, QUE ABAFAM A SOLIDÃO, QUE DÃO A ILUSÃO DE QUE SE TÊM VÁRIAS PESSOAS INTERESSADAS EM SUA VIDA PESSOAL, PREOCUPADAS E TORCENDO POR VOCÊ. SEM ESTA FERRAMENTA MUITO DOS OBJETIVOS DO BLOG ESTARIAM PERDIDOS JÁ QUE É ATRAVÉS DESTA QUE ACONTECE A INTERAÇÃO E QUE O OLHAR DO OUTRO, FUNDAMENTAL PARA A EXISTÊNCIA DO AUTOR, PODE SER VERIFICADO.

IV – Considerações Finais

A presente dissertação teve como objetivo pensar as novas formas de subjetividade que estão surgindo no mundo contemporâneo intermediadas pelas ferramentas tecnológicas que permitem mudanças significativas nos modos de viver. Para tal, partiu-se de uma análise dos diários íntimos publicados na Internet para buscar um entendimento sobre as transformações na noção de intimidade. Este trabalho não teve a pretensão de concluir ou direcionar o pensamento sobre o tema, buscou abrir outras possibilidades para estudar o fenômeno que, certamente, não se esgotariam por aqui.

Foi observado como está presente uma lógica de visibilidade nas atitudes das pessoas de um modo geral. Seja através da preocupação excessiva com a aparência física, seja com a necessidade de expor a vida particular na tentativa de construir uma identidade que só é

entendida como possível através do olhar do outro. O diário virtual mostra-se como um dispositivo que permite o alcance imediato desta publicidade. Apesar de seu formato permitir diversos usos a divulgação da vida íntima tornou-se a mais freqüente das opções.

Certamente novas tecnologias são desenvolvidas para atender demandas, mas como consequência criam outras demandas. A tecnologia é um meio. As comunidades humanas usam-na para preencher suas necessidades e aspirações. Devemos estar atentos ao fato de vivermos num mundo capitalista com o objetivo claro de gerar consumo. Este objetivo, em conjunto com diversos outros fatores, estimula a fabricação veloz de novos produtos que, com o apoio da mídia e de um ideal de estar em sintonia com as últimas tendências, torna ultrapassados produtos considerados como duráveis. Dessa forma a necessidade de adquirir novos recursos tecnológicos mantém funcionando o sistema de consumo.

Atualmente o desenvolvimento tecnológico é visto apenas como um grande avanço para a humanidade sem que o fato deste estar sendo transformado em estratégia de dominação seja questionado. Os aparatos tecnológicos de visibilidade prometem prevenção e segurança mas são, principalmente, estratégias de controle. Se antes a visibilidade se dava através do panóptico, do olho que tudo vê e disciplina através do medo, da consciência interna de que se está sendo observado, atualmente as câmeras de segurança, o entrecruzamento de dados pessoais, a vigilância eletrônica, controlam de maneira sub-reptícia. Manipulam os sujeitos, que se acreditam livres, com a promessa de proteção. Os espaços comuns são percebidos como tão ameaçadores que esse controle é exercido com o pretexto de uma necessidade e com a ironia de um “sorria, você está sendo filmado!”.

Os investimentos em pesquisa e desenvolvimento são baseados na possibilidade de inovação tecnológica e, estas inovações, não se constituem mais em rompimentos de fronteiras, mas sim em fusões que criam novos mercados. Tudo isso funciona à favor do capitalismo já que um objeto obsoleto deve ser substituído. Novas tecnologias vão surgindo

sem que tenhamos tempo para explorá-las e nos adaptar a elas. Somos induzidos a adquiri-las sem nos darmos conta de que talvez não sejam necessárias.

É inegável que o investimento em tecnologia ampliou as possibilidades de conhecimento e criação humanas, mas, ao mesmo tempo, ampliou as possibilidades de controle e manipulação.

Podemos afirmar que, nesta perspectiva, a intimidade tornou-se também algo a ser consumido e manipulado. Seguindo o mesmo modelo capitalista, as vidas publicadas na Internet conquistam atenção e quando não despertam mais o mesmo interesse são prontamente substituídas por uma outra assim como as mercadorias. O público passa a ser algo pelo qual competir.

De acordo com os dados analisados, parece que esta prática tenta compensar o vazio de sentido e a solidão, queixas tão freqüente no contemporâneo. Escrever um *blog* permite estar em contato com outras pessoas, trocar informações e sentir-se interessante. Se ninguém tem tempo para escutar ou estar junto, a Internet abre esse espaço de uma maneira diferente da que estamos habituados, mas que deve ser encarada como uma possibilidade. Certamente, a troca de confidências nestas páginas se limita à banalidades, à coisas do cotidiano mas nem por isso deve deixar de ser entendida como uma forma de interação.

O interesse pela intimidade do outro aparece como uma forma de comparação entre os estilos de vida e como tentativa de encontrar padrões de comportamentos para seguir. Através do cotidiano de outras pessoas é possível analisar o próprio cotidiano. Saber que outras pessoas vivem as mesmas questões dá alívio, e conhecer os modos como lidam com essas questões aponta formas de lidar com as próprias.

Mas o que parece ser buscado no *blog* não são maneiras de se igualar, mas sim de se individualizar, ser diferente, destacar-se de alguma forma que mereça reconhecimento. Na prática, o que observamos é um engessamento. Acreditando que estão vivendo uma vida

independente essas pessoas acabam por “vestir” outras vidas como suas. Adotam modelos de comportamentos e formas de pensar com a ilusão de que são únicos, mas repetem um padrão “vendido” e que prontamente deve ser substituído.

A Internet se apresenta como um terreno fértil para essas novas formas de viver possibilita a divulgação de histórias e imagens e outras formas de sociabilidade nunca antes pensadas. Porém, a utilização do espaço virtual não desvaloriza o contato físico. Os usuários dos meios de comunicação mediados por computadores buscam estabelecer vínculos que se estendam ao encontro. Os comentários deixados pelos visitantes são a principal porta de acesso para iniciar amizades.

Muito ainda se tem para estudar sobre as questões que surgiram ao longo deste trabalho. O contemporâneo, juntamente com o desenvolvimento de tecnologias da informação, ocasionou mudanças irreversíveis no que tange as formas de pensar, viver e se relacionar. Que rumos que estas transformações irão tomar? Não temos a resposta para esta questão. Mas é necessário o exercício de estarmos afinados com o contemporâneo, buscando seguir, acompanhar, entender as transformações que atravessam os nossos dias. Talvez ao final deste ano esta dissertação já esteja obsoleta, somos parte deste mundo... No entanto, optamos por seguir estes riscos ao invés de marcar uma postura saudosista que coloca sempre no passado o ideal do mundo melhor e ao fazer isto, perde de vista as possibilidades criativas das transformações pelas quais estamos passando.

V – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARANTE, M. *Os Blos e os Blogueiros: entendendo as transformações da intimidade nas casas digitais*. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.

ARENDT, H. *A Condição Humana*. Editora Forense Universitária, 10ª edição. São Paulo, 2001.

AUGÉ, M. *Não-Lugares*. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Editora Papirus. Campinas, 1994.

BAUMAN, Z. *Identidade*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2005.

_____ *Modernidade Líquida*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2001

_____ *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1998.

BAYLE, F. et al. *O Império das Técnicas*. Entrevistados por Ruth Scheps; tradução Maria Lúcia Pereira. Coleção Papirus Ciência. Editora Papirus. Campinas, 1996.

BEZERRA, Jr., B. *O Ocaso da Interioridade*. Em: PLASTINO, C. A. (Org) Transgressões editora Contraponto. Rio de Janeiro, 2000.

BRUNO, F. *Máquinas de ver, modos de se: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação*. Disponível em: www.comunica.unisinos.br/tics/?page=textos2004

_____. *A obscenidade do cotidiano e a cena comunicacional contemporânea*. Em: Revista *Famecos: mídia, cultura e tecnologia*, nº 25, dezembro/2004

BRUNO, F. & PRADO, R. *Entre Parecer e Ser: tecnologia, espetáculo e subjetividade contemporânea*. Disponível em: <http://www.intexto.ufrgs.br/n11/a-n11a9.html>.

COIMBRA, M. B. C. *Guardiães da Ordem: uma viagem pelas práticas psi no Brasil do "Milagre"*. Oficina do autor. Rio de Janeiro, 1995.

CHAVES, Maria Adriana Coutinho de Castro. *A Cultura do Narcisismo no Rio de Janeiro: uma ilustração*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro, 1988.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Editora Contraponto. Rio de Janeiro, 1997.

DELEUZE, G. *Pós-Scriptum sobre as sociedades de controle*. Em: *Conversões*. Editora 34. Rio de Janeiro, 1990.

ESCÓSSIA, Lílian de. *A relação homem-técnica e processo de individuação*. Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira. São Cristóvão, 1999.

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Editora Graal. Rio de Janeiro, 1990.

GIDDENS, Anthony. *A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. Editora UNESP. São Paulo, 1993.

GUATTARI, F. *As Três Ecologias*. Tradução de Maria C. F. Bittencourt. Editora Papirus. Campinas, 1990.

GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Editora 34. Rio de Janeiro, 1992.

_____. & Rolnick S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Editora Vozes. 5ª edição. Petrópolis, 1999

HARAWAY, D. & KUNZRU, H. *Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Editora Autêntica. Belo Horizonte, 2000.

KOIRE, A. “Os Filósofos e as Máquinas”. Em: *Estudos de História do Pensamento Filosófico*. Editora Forense. Rio de Janeiro, 1991.

LATOUR, Bruno. *Jamais Fomos Modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Coleção Trans. Editora 34. Rio de Janeiro, 1994

LÉVY, Pierre. *A Conexão Interplanetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência*. Editora 34. 1ª edição. São Paulo, 2000.

_____. *As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Editora 34. Coleção Trans. Rio de Janeiro, 1993.

_____. *Cibercultura..* Coleção Trans. Editora 34. São Paulo, 1999.

_____. *O Que é o Virtual? .* Coleção Trans. Editora 34. São Paulo, 1996.

LIPOVETSKY, Gilles. *O Império do Efêmero: a moda e seus destinos nas sociedades modernas*. Cia das Letras. São Paulo, 1989.

MORAES, Marcia Oliveira. Estudo das Técnicas na Perspectiva das Redes de Atores. Revista do Departamento de Psicologia da UFF, Niterói, v. 9, n. 2 e 3, p. 60-67, 1997

MARTINS, Hermínio. “Hegel, Texas: Temas de Filosofia e Sociologia”. Em *Hegel, Texas e Outros Ensaios de Teoria Social*. Edições século XXI, Lola, 1996.

NETO, Maria Inácia D'ávila. "A Porta a Ponte e a rede. Reflexões para Pensar o Conceito de Rede e o de Comunidade." Em série Documenta. Nº 12-13. ano VIII. UFRJ. Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidade e Ecologia Social. Programa EICOS/Cátedra Unesco de Desenvolvimento Durável. Rio de Janeiro, 1993.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. *Na Malha da Rede: os impactos íntimos da Internet*. Editora Campus. Rio de Janeiro, 1998.

NIZE, Maria Campos Pellanda e Eduardo Campos Pellanda. *Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy*. Editora Artes e Ofícios. Porto Alegre, 2000.

PARENTE, André (org.) 1957. *Imagem-máquina: a era das tecnologias do virtual*. Tradução de Rogério Luz et alii. Editora 34. Coleção Trans. Rio de Janeiro, 1993.

PASSOS, E. e BARROS, R. (2000). A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, c. 16, n. 1.

PIZZI, Fernanda e Paulo Vaz. "A Luta Pela Arquitetura do Ciberespaço: uma cronologia da internet. Em série Documenta. Nº 12-13. ano VIII. UFRJ. Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidade e Ecologia Social. Programa EICOS/Cátedra Unesco de Desenvolvimento Durável. Rio de Janeiro, 1993.

ROMÃO-DIAS, Daniela. *Nossa Plural Realidade: um estudo sobre a subjetividade na era da Internet*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro, 2001.

SANTOS, Laymert Garcia dos. *Politizar as novas tecnologias. O impacto sócio-técnico da informação digital e genética*. Ed. 34. São Paulo, 2003.

SANTOS, Milton. *Técnica, Espaço, Tempo. Globalização e Meio Técnico Científico Informacional*. Editora Hucitec. 4ª edição. São Paulo, 1998.

SCHITTINE, D. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2004.

SENNET, R. *O Declínio do Homem Público*. Cia das Letras. São Paulo, 2001.

SIBILIA, P. *A Vida como relato na Era do Fast-Forward e do Real Time: algumas reflexões sobre o fenômeno dos blogs*. Disponível em:
www.comunica.unisinos.br/tics/?page=textos2004

_____ *O Show do Eu: subjetividade nos gêneros confessionais da Internet*. Trabalho apresentado em exame de qualificação na ECO-UFRJ, 2004.

_____ *Os diários Íntimos na Internet e a Crise da Interioridade Psicológica*. Em: *Olhares sobre a Ciberculuta*. Editora Sulina. Porto Alegre, 2003. p 139-152.

_____ *O Homem Pós-Orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Editora Relume Dumará. Rio de Janeiro, 2002.

SOUZA, Maria Julieta Nunes. “A Rede como Topologia e a Cidade Contemporânea”. Em série Documenta. Nº 12-13. ano VIII. UFRJ. Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidade e Ecologia Social. Programa EICOS/Cátedra Unesco de Desenvolvimento Durável. Rio de Janeiro, 1993.

VI - Anexos

VI.1 - ROTEIRO ENTREVISTA

1. Identificação

Nome:

Idade:

Nick:

Escolaridade:

Com quem mora?

2. O blog

1. Como você conheceu os blogs?
2. O que te levou a criar um blog?
3. O que você costuma escrever no blog?
4. Como você seleciona se é legal ou não escrever determinado assunto?

5. Como é o visual do seu blog?
6. Você o altera com frequência?
7. Você consegue fazer atualizações diariamente?
8. Você visita outros blogs?
9. O que é legal ter num blog?
10. O que você detesta encontrar num blog?
11. O blog é importante porque...
12. Se não tivesse o blog, o que mudaria na sua vida hoje?
13. Como é expor seus sentimentos e pensamentos para quem quiser ler?
14. O que te faria abandonar o blog?

3. Comentários

1. Para que servem os comentários no blog?
2. Eles são importantes?
3. Você pode dizer que seu blog é bastante comentado?
4. Que tipo de comentário você gosta de receber (amigos, desconhecidos, sugestões...)?
5. Qual o pior tipo de comentário?
6. Como é quando você não recebe comentário algum?
7. Você costuma comentar outros blogs? Que tipos?
8. Você pede para que os outros comentem seu blog ou espera acontecer?

4. Relação com a máquina

1. O que você faz no computador?
2. Você usa o computador todo dia? Quais dias? Durante quanto tempo?
3. Você tem um computador só para você?

4. Se não, como dividem o tempo para usá-lo?
5. O que é melhor fazer no computador?
6. Tem alguma coisa que você faz sem gostar, por obrigação?
7. Teclar é diferente de escrever?
8. Os computadores seriam melhores se...

5. Vida social

1. Você acha que tem muitos amigos?
2. Você costuma se encontrar com frequência?
3. Com a internet você aumentou a quantidade de amigos?
4. E o blog? Dá para fazer amizades através do blog?
5. Tem algum amigo “virtual” que você trouxe para o “real”?
6. Algumas pessoas dizem que a internet é uma forma de isolamento. O que acha disso?
7. De alguma maneira, o blog substitui alguém para conversar?
8. Você deixa de sair com os amigos para ficar na internet?

VI.2 - GLOSSÁRIO

- Blog – abreviatura de weblog.
- Blogueiro – maneira como se intitulam os criadores de blogs.
- Compuland – provedor de internet em Petrópolis, mantém uma sala de bate-papo freqüentada, em maioria, por adolescentes petropolitanos.
- Favoritar – adicionar aos endereços favoritos na internet.
- Flog – abreviatura de fotolog.
- Internet – rede mundial que permite a conexão entre computadores.
- Link – no inglês ligação; na internet são ícones que quando clicados levam à outro site relacionado.
- Log – no inglês diário.
- MSN – Messenger; programa de comunicação instantânea na internet.
- Netiqueta – espécie de etiqueta na internet, seriam os comportamentos julgados como corretos.
- Orkut – site na internet com o objetivo de criar de comunidades e ampliar a rede de conhecimentos.
- Post – no inglês postar; tudo que é colocado no blog ou fotolog.
- Postar – colocar algo novo no blog ou fotolog.
- Profile – no inglês perfil; página de apresentação de usuário situada no orkut constando de foto, dados pessoais, principais características, mensagens e comentários dos amigos, amigos e comunidades às quais pertence no site.
- Sala de bate-papo – lugar de encontro na internet onde várias pessoas conversam em tempo instantâneo.
- Scrap – recado deixado na página de pessoal do orkut.

- Site – no inglês lugar; aqui se refere à página na internet.
- Software – programação de computadores.
- Template – no inglês padrão, modelo; é a apresentação estética do blog.
- Web – no inglês teia, rede; conjunto de páginas na internet.